

# UYRA MARAKA KAUYRAU'UPY

## Cantos dos Jovens Pássaros Guerreiros



TIME'I AWAETE (IAPA'ABA - AUTOR)

LÍLIAM CRISTINA BARROS COHEN E CARLA ROMANO AMARAL (ORGANIZADORAS)



ICA  
INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS DA  
ARTE UFPA

PPG Artes  
Programa de Pós-graduação  
em Artes da UFPA

FACULDADE DE MÚSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ



LABETNO  
LABORATÓRIO DE  
ETNOMUSICOLOGIA DA UFPA

PROFESP  
Pró-Reitoria de Pesquisa  
e Pós-Graduação | UFPA

INSTITUTO JANERAKA

CONSTELAR  
ANCESTRAL



**UYRA MARAKA KAUYRAU'UPY.** Carla Romano e Time'i Awaete, 2022  
Aarara vermelha ligada ao surgimento do povo. Aarara azul chama o espírito de porco, porco bravo. O gavião tá ligado aos reis dos pássaros, um bem forte. O beija-flor ligado ao guerreiro mais forte, a velocidade, guerreiro sem medo. Ajibóia de fogo representa força. E o Nabu, pássaro dos encantos, utilizado pelos pajãs. E a pessoa ao centro está em imersão ao todo esse conhecimento, filho de todos os espíritos representados.

# UYRA MARAKA KAUYRAU'UPY

Cantos dos Jovens Pássaros Guerreiros

## AUTOR

Time'i Awaete

## ORGANIZADORAS

Líliam Cristina Barros Cohen

Carla Romano Amaral

**BELÉM, 2023**



## **UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**

Emmanuel Zagury Tourinho (Reitor)

Gilmar Pereira da Silva (Vice-Reitor)

## **PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPESP)**

Maria Iracilda da Cunha Sampaio (Pró-Reitora)

## **INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE (ICA)**

Adriana Valente Azulay (Diretora-Geral)

Joel Cardoso da Silva (Diretor-Adjunto)

## **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES (PPGARTES)**

José Denis de Oliveira Bezerra (Coordenador)

Alexandre Romariz Sequeira (Vice-Coodenador)

## **EDITORIA PPGARTES**

Maria dos Remédios de Brito (Coordenadora Editorial)

Ana Cláudia Leão (Coordenadora Editorial)

Larissa Lima da Silva (Assistente Editorial)

## **COMITÊ CIENTÍFICO**

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria dos Remédios de Brito (Presidente)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Claudia Leão  
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Flávia Mendes  
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Mae Tavares Bastos Barbosa  
(ECA, Universidade de São Paulo; Universidade Anhembi-Morumbi)

Prof. Dr. Áureo Deo de Freitas Júnior  
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giselle Guilhon Antunes Camargo  
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof. Dr. José Carlos de Paiva  
(FBA, Universidade do Porto)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Laura Malosetti Costa  
(IA, Universidad Nacional San Martin)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria das Vitórias Negreiros do Amaral  
(CAC, Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy  
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rejane Coutinho  
(IA, Universidade Estadual Paulista)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Valzeli Figueira Sampaio  
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cintia Vieira da Silva  
(Universidade Federal de Ouro Preto)

Prof. Dr. Adrian Esteban Cangí  
(Universidade Nacional de Avellaneda da Argentina  
e Universidade de Buenos Aires/Argentina)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Verônica Miranda Damasceno  
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA**

A964u Awaete, Time'i.

Uyra Maraka Kauyrau'upy: Cantos dos Jovens Pássaros Guerreiros [recurso eletrônico] / Time'i Awaete; Organizadoras: Líliam Cristina Barros Cohen, Carla Romano Amaral. – Belém: Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2023. – Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF).

Modo de acesso: Internet

<http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

<https://labetno.ufpa.br/>

ISBN 978-65-88455-36-4

1. Etnomusicologia 2. Indígenas da América do Sul. 3. Índios Awaete – Cações e Música. 4. Patrimônio cultural – Brasil. I. Cohen, Líliam Cristina Barros, org. II. Amaral, Carla Romano, org. III. Título.

CDD 23. ed. – 780.89

Elaborado por Larissa Silva – CRB-2/1585

## **FICHA TÉCNICA DESTA EDIÇÃO**

Projeto Gráfico: Time'i Assurini e Carla Romano

Editoração Eletrônica: Carla Romano e Time'i Assurini

Capa: Time'i Awaete e Carla Romano Amaral

Revisão de Conteúdo: Time'i Awaete e Carla Romano Amaral

Revisão de texto: Keila Monteiro

Fichas Catalográfica das Obras: Joel Silva

Ficha catalográfica livro: Larissa Silva

Transcrições musicais: Líliam Barros Cohen e Marcos Cohen

Pinturas: Time'i Awaete e Carla Romano

\*A Editora do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA pratica a avaliação por pares (preferencialmente externos) e seu eixo editorial refere-se às linhas de pesquisa deste programa.

O conteúdo deste livro é de responsabilidade do autor.

Créditos de suporte de vetor:

<a href="https://br.freepik.com/vetores-gratis/penas-fofas-silhuetas-de-penas-de-pluma-voadoras\_8565910.htm#query=penas&position=0&from\_view=search">Image by ilonitta</a> on Freepik

# ATENÇÃO

O conteúdo aqui compartilhado visa a reflexão sobre nossas relações e construção de conhecimento enquanto sociedade global e busca apoiar a cocriação de caminhos de equidade de diversas nações em união, como as espécies das florestas, a partir da abertura de caminhos de metodologias e alternativas mais éticas de trocas de saberes e práticas entre Universidades e Ciências, como a Academia e a Awaete. O conteúdo aqui compartilhado expressa manifestações do patrimônio cultural de natureza imaterial e material do povo Awaete - Assurini do Xingu, tendo sua pesquisa e difusão realizada a partir do diálogo pautado em envolvimento e relacionamento com a etnia a partir de protocolos éticos que consideram legislações específicas, acordos internacionais, entre outros como:

- Constituição Federal de 1988, que garante o direito de imagem dos índios e suas sociedades constituem patrimônio indígena, e a proteção do direito de imagem indígena e do direito autoral coletivo é uma das formas de proteger o patrimônio e a cultura indígena:

- art. 5º, inciso X, que protege o direito de imagem das pessoas;

- art. 215, parágrafo primeiro, protege as manifestações culturais indígenas;

- art. 231, protege a organização social, costumes, línguas, crenças e tradições dos povos indígenas;

- art. 232 e o Estatuto do Índio, Lei 6001, de 19 de dezembro de 1973, reconhecem direitos coletivos de titularidades indígenas;

Art. 8º Ficam protegidos por esta Lei os conhecimentos tradicionais associados ao patrimônio genético de populações indígenas, de comunidade tradicional ou de agricultor tradicional contra a utilização e exploração ilícita. (Lei 13.123 de 2015.)

Atendendo ao direito à participação e consulta dos povos indígenas

em atividades que digam respeito à integridade, valores, práticas e instituições desses povos;

E visando assegurar aos povos indígenas a condição de igualdade e justiça quanto aos direitos e oportunidades outorgadas por legislação nacional aos demais membros da sociedade;

Interpretando a Lei N. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, sobre direitos autorais que protege as criações de caráter estético;

E considerando a necessidade de proteção especial ainda não regulamentada das criações e manifestações artísticas e culturais indígenas de caráter coletivo e individual;

(texto baseado em informações retiradas da Portaria nº 177/2006 da Funai)

Portanto, não venha querer, a partir de nosso conhecimento que tem como base relações de sobrevivência de cooperação, encontrar formas de transformar a Amazônia no novo caminho das Índias. Os recursos, conhecimentos, patrimônios genéticos e a sociobiodiversidade não são produtos, principalmente, para serem exportados para o mundo deixando seus guardiões sem nada. Como não indígena adora transformar tudo em comércio, é preciso pensar bem em como se relacionar. Não é pegar história e palavra do idioma e colocar na loja, no livro ou em qualquer produto porque achou bonitinho e valorizar o produto pra vender mais. Não confunda inspiração com apropriação, caso queira fazer qualquer tipo de interação com os saberes aqui apresentados; recomendamos que leia previamente as legislações citadas e entre em contato com nossos canais de diálogo para iniciarmos a co-criação. Caso deseje parceria entre em contato a partir do email: [janerakaawaete@gmail.com](mailto:janerakaawaete@gmail.com)

Ajepe

**TIME'I ASSURINI**



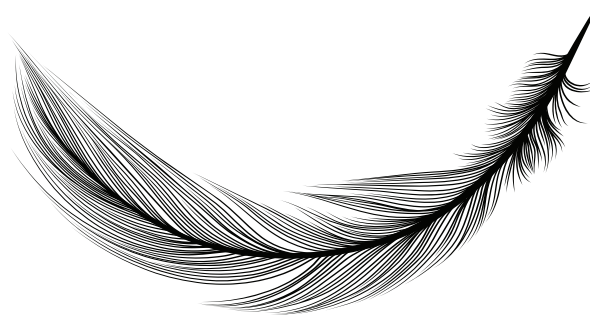
## TIME'I KIRA

**TIME'I AWAETE e CARLA ROMANO. 2022**

Uyra yga awamu ywak pe, jeyga ywak pe je arame  
uyra ryru pype jeara me aeramu ayg nyja awamu.

Esse desenho é de alma de pássaro.  
É quando eu, Time'i, vou de encontro  
com meu guia espiritual e subo  
pro céu, no mundo espiritual,  
no caminho do pajê, transformado  
em pássaro e outros encantados.

Eu, *TIME'I AWAETE*, dedico este livro à memória de uma pessoa muito especial, que é a minha avó Japuka, e também à memória dos outros anciãos. Dedico, também, aos não indígenas que sempre me apoiaram, como minha companheira Carla Romano, que sempre acreditou em mim, mesmo quando muitos me julgaram e, mesmo assim, ela me fez acreditar em mim mesmo. Esse livro é fruto de muita pesquisa dentro de mim e da minha cultura, e também depois de muita conversa, diálogo e reflexão.



# AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a minha avó que passou o ensinamento pra mim e também a minha companheira, amiga e guerreira, Carla Romano, que dedicou uma parte da vida dela para me apoiar nessa trajetória. Sempre estive o tempo todo ao meu lado, há 7 anos da minha vida, mesmo no momento de crise que, na maioria das vezes, colocaram ela em risco. Mesmo assim, ela continuou sempre preocupada em como ajudar na minha trajetória de crescimento, e passar a amar mais o próximo. Assim, já se passaram 7 anos, período no qual eu passei a acreditar mais em mim mesmo, e esse livro foi um fruto de muita roda de conversa, principalmente nas criações de ética nas relações. Quero agradecer também ao povo Huni Kuin em especial o Txai Tuin e Yaka Sales que depois de muitos encontros durante as jornadas pelo Brasil e viagens em minha ida ao Acre me ajudaram a iniciar as músicas de forma instintiva no violão e pintar. Também quero agradecer à equipe do Laboratório de Etnomusicologia da UFPA, como a professora Líliam Cohen, que há anos tem se dedicado a apoiar nos registros das memórias, e o professor Saulo Caraveo, que me ensinou as primeiras notas técnicas de violão. Também agradeço ao amigo Renato Neto que me deu o violão que me ajudou muito, e a todes amigues que me deram forças pra eu continuar na luta para que este livro esteja sendo publicado e que eu continue minha caminhada.

**TIME'I AWAETE**

# SUMÁRIO

- 12      APRESENTAÇÃO
- 13      PREFÁCIO
- 17      **INTRODUÇÃO**  
POR QUE E PARA QUE PUBLICAR UM LIVRO?
- 38      **CAPÍTULO I**  
SURGIMENTO DOS AWAETE E OS UYRA'AWA
- 56      **CAPÍTULO II**  
CANÇÕES DOS PÁSSAROS
- 92      **CAPÍTULO III**  
LETRAS DOS CANTOS
- 143     SOBRE OS AUTORES
- 146     CADERNO DE ILUSTRAÇÕES

# APRESENTAÇÃO

Este livro integra mais uma publicação do Laboratório de Etnomusicologia e visa dar seguimento às publicações de mestres e mestras das culturas populares e tradicionais amazônicas, que partilham seus saberes, perspectivas, ideias acerca de sua cultura e seu relacionamento com a sociedade que os cerca, a partir da memória dos anciãos sobreviventes do genocídio do contato e a vivência do então jovem pajã Tywaywa Time'i Awaete, aprendiz dos saberes e práticas tradicionais de sua etnia. A obra apresenta um conjunto de cantos sobre pássaros e suas relações com a cosmologia, o meio ambiente, a espiritualidade e as demais configurações socioculturais do povo Awaete, da terra indígena Koatinemo, situada no Médio Xingu, município de Altamira, estado do Pará, Amazônia brasileira.

Nesta obra, Time'i apresenta sua percepção de trânsito de saberes entre universos epistêmicos distintos, construindo reflexões sobre esses relacionamentos e sobre a produção de conhecimento. A confecção do livro foi possível graças aos recursos oriundos da Faculdade de Música da Universidade Federal do Pará e à rede de parceiros do Projeto "Agenda Awaete - Troca de Saberes e Práticas Assurini do Xingu/PA", do Instituto Janeraka - Fortalecimento da Cultura Tradicional Awaete - Assurini do Xingu, e à troca de saberes e práticas com os demais Povos das Águas, Terras e Florestas, que apoiam Time'i em sua jornada de diálogo no mundo larakya. Espera-se que esta pesquisa seja uma contribuição à compreensão da diversidade musical, de vidas e de pensamentos dos povos amazônicos, bem como para a área de etnomusicologia e a comunidade acadêmica, a partir do reconhecimento e respeito às demais formas, ciências e universidade de saberes originários resultados do aprendizados a partir da constelação de conexões de energias da vida.



# PREFÁCIO

Awaete – gente (e/de) verdade – é este o encontro/diálogo que Time’i propõe neste belíssimo trabalho que, por meio de suas memórias cantadas/faladas, nutre e protege as raízes mais profundas que testemunham sua ancestralidade, mas que também trazem à superfície marcas encovadas dos processos de colonização/apropriação, os quais ele e seus parentes foram submetidos ao longo da história humana. Gente + verdade. Uma equação que insiste em provir seletivamente, na maioria das múltiplas relações entre “ele” e aqueles que chama de “amigo declarado” e “falso amigo”, as sequelas que perpetuam traumas nas aldeias e os “bons frutos” que alimentam apenas o invasor.

“Uyra Maraka Kauyrau’upy - Cantos dos Jovens Pássaros Guerreiros” busca ampliar os meios de conexão sensível entre os diferentes campos de conhecimento que se desdobram a partir dos saberes tradicionais dos Awaete - Assurini do Xingu, permitindo ao leitor um tipo de imersão nos múltiplos contatos/diálogos interculturais, redimensionando as formas de compartilhamentos de experiências, promovendo reflexões acerca das relações sociais, de trocas e produção de conhecimento. O autor, Time’i, Pajê aprendiz Awaete, não preconiza a cura ou estabelece uma única verdade a ser semeada no presente, mas sim, que novas formas de conexão, encontro/diálogo e de criação partilhada de conhecimento possam desabrochar em um campo de coparticipação no presente e futuro, objetivando encontros verdadeiros com o respeito, a coletividade e com a ética.

A obra traz para o centro das discussões o conceito de cocriação, termo moderno utilizado para determinar estratégias, para nós inovadoras



e para eles ancestrais, de produção/geração colaborativa de conteúdo e/ou produtos, objetivando a partilha dos benefícios promovidos pelo processo de trocas entre indivíduos de dentro e de fora deste sistema de criação. A diminuição das populações indígenas, protagonizada pelos processos colonizadores e modernizadores aliados ao etnocídio, ainda presente nos dias atuais no Brasil, permite-nos refletir a respeito da ruptura de transmissão de seus saberes transgeracionais e de consequentes e significativas perdas desses saberes, costumes, vivências e convivência, de território, história, memórias, bem como de suas identidades culturais ao longo da linha do tempo. Neste sentido, a proposta de abertura de diálogos entre indígenas e não indígenas, como ferramenta de real troca de saberes e práticas, possibilita reconfigurar processos transcriacionais de construção de conhecimento, no sentido em que a transcrição (Haroldo de Campos) é entendida como uma tradução criativa de um determinado patrimônio linguístico. Sendo assim, Time'i oportuniza a regeneração das relações humanas, em especial das metodologias implementadas nas pesquisas que envolvem a cultura indígena até hoje.

Time'i relata no primeiro capítulo – Surgimento dos Awaete e dos Uyra'awa (gente-pássaros) - os laços com suas origens e ancestralidade por meio de contos, cantos, lendas e histórias vivas em sua memória. O seu mito de criação é descrito em uma narrativa que revela o renascimento do mundo pós-dilúvio e o surgimento de seu ancestral Uajare, do povo Awaete e do Uyra'awa.

O mito da criação reafirma a singela e profunda conexão de seu povo com seu lugar-casa-floresta. Os contos trazem à superfície sua ancestralidade, suas crenças e a identidade espiritual dos Awaete. As narrativas construídas por suas vivências e memoradas neste trabalho fazem referência ao dilúvio que encerrou o mundo anterior, sobre o qual o pajã Uajare e os pássaros foram os únicos sobreviventes. Para os Awaete, sua origem e surgimento estão ligados a Maíra, o seu



Deus, que também criou os Uyra'awa (pássaro gente). Ainda neste capítulo, as narrativas constroem a identidade e importância do pajã, que encarna a figura responsável pela conexão do mundo físico, do espiritual, tendo a música como principal elemento desta conexão. Nesta direção, Time'i traz ao centro de reflexões a questão da identidade com relação à prática cotidiana: "Se eu não sei mais isso e não pratico, nem eu e nem meus parentes, quem eu sou?" Sendo assim, a prática dos saberes, seja na convivência, na vida cotidiana, na constituição da oralidade e espiritualidade ou em outras múltiplas dimensões que tangem o conhecimento, permite-nos imergir em um rio profundo de conceitos que promovem reflexões acerca daquilo que entendemos como identidade. Se não há uma prática natural desses ambientes, não é qualquer uma teoria artificial que sustentaria as formas pelas quais se constitui a identidade. Se por um lado as perdas dessas identidades ao longo dos processos de colonização trazem traumas históricos para os povos originários, a proposta desta obra joga luz e esperança sobre a cultura dos Awaete.

O segundo capítulo – Canções dos Pássaros – traz o mito da reencarnação. Segundo suas crenças, os Awaete, quando morrem, transformam-se em pássaros. O pajã media a conexão entre os Awaete e os encantados por meio de cantos. Estes cantos são aprendidos pelo pajã em seus sonhos e passados ao longo das gerações por meio das pajelanças. Os cantos trazem contextos culturais comuns aos Awaete. Com a música, fala-se dos pássaros, das comidas, do dia e da noite e ela se firma como meio de conexão com os espíritos. Ainda neste capítulo é possível perceber a importância e a hierarquia dos instrumentos musicais, das estruturas musicais e a relação da música com as bebidas tradicionais dos Awaete. A identidade dos Awaete é preservada e representada socialmente diante dos cantos e comunicação com os mais jovens, dando esperança aos anciões e seus ensinamentos.



O terceiro e último capítulo – Letras dos cantos – é uma verdadeira obra de arte. Entre pinturas de autoria de Time’i, que por si só já nos permitem um certo grau de conexão com o mundo espiritual, ancestralidade e sensibilidade do pajã Awaete, o autor prossegue sua rica e detalhista investigação de suas memórias, enriquecendo ainda mais as descrições acerca das estruturas sociais e de sua música. Neste capítulo, somos apresentados com alguns cantos escritos em sua língua materna e textos explicativos.

Este livro nos permite mergulhar em reflexões que vão além das questões que cercam o povo Awaete, para as múltiplas relações de exploração, desigualdades, etnocídios, apropriações e desrespeito oriundos dos tempos iniciais da colonização imposta no Brasil como um todo. Este belíssimo trabalho soa como um desabafo diante das cicatrizes carregadas por Time’i e por todos os seus parentes, mas também nos permite adentrar um pouco em sua história de vida, pensamentos, costumes, cultura e espiritualidade, oportunizando-nos imaginar um futuro de novos voos-pássaro, colheitas e partilhas sensíveis.

**SAULO CARAVEO**



# INTRODUÇÃO:

## POR QUE E PARA QUE PUBLICAR UM LIVRO?

Nós, Awaete ou Assurini do Xingu, como fomos apelidados, constituímos uma das 11 etnias impactadas por grandes empreendimentos como a Transamazônica, a Hidrelétrica Belo Monte, madeireiros, grileiros, garimpeiros e mineradoras como a Belo Sun. Atualmente, com cerca de 270 indivíduos, possuímos menos de 50 anos de contato, durante o qual chegamos a 52 pessoas. De linhagem familiar tradicional composta por pajês e demais atores sociais, conhecedores e praticantes do conhecimento tradicional Awaete, fui o último pajê da etnia a ser formado pelos espíritos, consagrado pelo saudoso centenário Pajê Moreyra. Iniciei minha jornada pelo mundo Yarkyga (não indígena), há 7 anos, com minha companheira Carla Romano Amaral que sempre esteve ao meu lado como amiga, esposa, sendo uma verdadeira guerreira que mesmo correndo risco a sua própria vida, e mesmo Altamira sendo conhecida como uma das cidades mais violentas do Brasil, abraçou a causa e fez com que eu acreditasse na vida novamente, e a sonhar. Assim, pouco a pouco estou me reconectando e passando a ter mais ética nas minhas relações, como viver em harmonia de verdade, como antigamente minha avó me ensinou. Até porque minhas tristezas, recaídas e traumas deixam minha querida companheira vulnerável, além dos riscos que ela corre indo comigo à aldeia. Largou tudo, mesmo sabendo de tudo isso.

Eu já tinha esquecido, estava adormecido, já havia anos do conhecimento ancestral e hoje sou muito grato à ela porque, não só voltei a praticar as músicas, como também tenho me fortalecido. Hoje sou um dos pajês do meu povo e, com ajuda dela e conexão com



amigues dela, fomos conhecendo mais amigues que estiveram e estão cada vez mais ao meu lado, mesmo sabendo das minhas crises e recaídas; sem eles eu não estaria aqui para contar história e também esse livro não estaria saindo agora. Com certeza, esse livro é fruto de muita conversa entre mim e Carla Romano, e muita parceria. Em 2015, quando nós nos apaixonamos, e também eu já estava cansado de tantas mentiras e ilusões, saí com ajuda da minha companheira Carla em busca de encontrar e cocriar caminhos de valorização e fortalecimento com cada pessoa que encontramos. Cada integrante que vem cocriar e valorizar, sem querer competir ou desvalorizar um ao outro, criando confiança e segurança nas relações, além de encontrar caminhos de cura de traumas causados pelo genocídio e etnocídio de meu povo, principalmente os compartilhados por minha geração, vem encontrar, assim, caminhos para, cada vez mais, honrar a minha cultura, minha memória ancestral e de meu povo.

Assim, desde de 2015, venho produzindo, a partir de jornadas de saberes e práticas, com a ajuda da minha companheira Carla Romano em meu processo de descobrimento de quem sou eu, e também sempre dialogando com nossos amigues no meu processo de “descobrimento do Brasil”, até porque eu vim de outro conhecimento e, para termos um relação e convivência de forma harmoniosa, precisamos reconhecer a importância de cada um na criação e estar sempre juntos de verdade. Através do projeto “Agenda Awaete– Troca de Saberes e Práticas Assurini do Xingu/PA” participei de mais de 500 atividades, entre pequenas cidades e grandes capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, com o objetivo de entender que sociedade é essa que vem de tão longe colonizar e explorar minha cultura e território e, a partir de tais reflexões e diálogos, adquirir maior consciência sobre realidades e contextos, encontrando caminhos de resistência e fortalecimento para meu povo junto a povos das águas, terras e florestas. Falando português há apenas 5 anos na



época, observei que os caminhos que, a princípio, que se diziam abertos, foram se mostrando bem mais árduos, principalmente em função da burocracia, e ainda, os racismos institucionais que as ações coloniais, ainda tão presentes em todos os contextos e relações apresentadas como novas opções de diálogo, se impunham entre as partes.

Como dizia um pensador de vocês, que parece saber das coisas, Paulo Freire, quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é virar opressor. Em minhas relações internas, com minha família e meu povo, comecei a identificar um padrão influenciado por relações externas colonizadoras, no qual, além do discurso, a prática para a ética e equidade ainda estavam distantes. A dificuldade de falar sobre isso e expor críticas a quem se apresentava como amigo, mesmo em muitos momentos, este, praticando atos do colonizador, não poderia ser questionado sem que quem o fizesse, sofresse retaliações.

Ao conversar com parceiros e parentes de demais etnias, fui percebendo que os traumas causados por metodologias de pesquisas acadêmicas em minha família (a maioria dos estudos feitos até hoje sobre os Awaete é baseada em relatos de meus familiares como mãe, pai, avó, tio) e meu povo, não era algo tão incomum e pessoal. A partir do diálogo e troca de experiências com parentes de outras etnias e demais povos tradicionais, fui percebendo que tinham em comum não só as ações genocidas e etnocidas em nossos territórios, mas também os traumas sofridos pelo racismo institucional, tanto nas idas de pesquisadores a nossas comunidades como nas tentativas de acesso ao acervos etnográficos, com peças de minha família, e no diálogo com instituições acadêmicas, museológicas e de ensino, com o qual sofri tanto na capital do estado de meu território, Belém, como no estado de São Paulo, onde estão e se formaram boa parte dos estudos sobre meu povo no país, atraindo pesquisadores de



todo o mundo. O inimigo declarado e o falso amigo. Como lidar com a solidão e a frustração diante da hipocrisia das formalidades na relação com a sociedade moderna que, ora se apresenta generosa ao diálogo, ora pratica atos semelhantes ao que se pretende mudar? Se não conseguimos conversar nem com quem se apresenta como amigo, como conversar com quem já deixou claro seu objetivo de exploração e destruição? Não é de hoje que sabemos sobre conflitos entre detentores de saberes e pesquisadores acadêmicos que, não raramente, acabam por ser proibidos de adentrar o território por denúncias de práticas abusivas em suas relações. Nessas tentativas de mediação e contato, vão também surgindo práticas que tendem a influenciar e corromper comportamentos internos para atender e beneficiar agentes e interesses externos.

Assim, tenho focado na regeneração de traumas trazidos em relações passadas, presentes e futuras, buscando reescrever novas formas de conexões. Buscando ética e equidades na relação com a academia, deu-se o manifesto de decolonização<sup>1</sup>, feito em uma das principais universidades do país. O ato aconteceu em um seminário de Antropologia sobre cultura indígena que expunha trabalhos acadêmicos em aldeias, sendo estes na maioria antropológicos, não tendo participação de indígenas em sua construção e exposição de saberes de suas universidades e ciências étnicas. Com a participação de parentes de diversas etnias, levantou-se a importância da equidade do diálogo em todas as etapas de construção de conhecimento cultural, inclusive com a participação efetiva dos doutores e mestres das etnias, representantes de suas ciências e universidades étnicas, independente da posse de diploma acadêmico, em eventos que estejam expondo seus conhecimentos e seus povos.

1 - <https://www.youtube.com/watch?v=ZrnODqLm1dY>



Isso é fundamental, especialmente se o tema do evento for perspectiva e história indígena, perspectiva que os manifestantes indígenas fizeram questão de destacar, ser diversa e conectada, uma vez que cada um ali trazia a perspectiva de sua cultura sobre a importância do respeito e da ética nas relações entre universidades de saberes. “Se a minha cultura é o tema eu já tenho meu diploma!”. É preciso ir além do questionar e buscar e/ou cocriar caminhos alternativos aos atuais modelos apresentados como únicas alternativas de relação entre doutores e mestres das ciências tradicionais e das ciências acadêmicas; uma vez que, para a academia, para ser reconhecido como coordenador e coautor de alguma pesquisa, oficialmente, mesmo as que têm como base sua cultura tradicional e povo, contando com fomento dos principais agentes financiadores acadêmico que tanto financiaram pesquisas em meu povo e meu território, necessitamos de diplomas na universidade e ciência acadêmica, as quais insistem em desprezar nossos ciclos de conhecimentos internos culturais e étnicos.

Esse olhar externalizado e distante entre quem sabe e pratica um conhecimento e quem ‘fala sobre’ é um incômodo real e apresentado de forma recorrente. Mas, como encontrar formas de adaptar a burocracia não indígena nesse processo de aprender a escutar e equilibrar relações e sentimentos? O vestibular indígena pode ser interessante como garantia de acesso a um direito, mas não pode ser imposto como obrigação para um diálogo empático de construção social coletiva. Afinal, nenhuma etnia, principalmente as de recente contato, deveria depender de ‘passar pelo processo’ colonizador da entrada na escola não indígena para chegar à graduação e aí sim estar apto a dialogar com equidade. Afinal, minha etnia tem sua própria ciência e universidade de saberes, e a necessidade aqui é de respeito, fortalecimento e intercâmbios e não de validação de conhecimento dentro de outro sistema de conhecimento que subjuga o ‘diferente’.



Dá vontade de colocar esses doutores e pesquisadores acadêmicos, tudinho, para se arranhar, tomar Kautiga, pular panela, dançar noites a fio, construir casa, passar pelos nossos ciclos de aprendizado, passar pelas nossas provas, receber nossos títulos internos. Daí, vocês vão poder falar alguma coisa sobre nós! Esse próprio nome 'Assurini' nem é na nossa língua, é apelido tipo deboche dado por etnia vizinha. Tem quase 50 anos que já sabem disso e mesmo assim, até no registro, nem Assurini do Xingu é, é Assurini que confunde ainda mais com os Assurini do Trocará, que é de outra etnia. E, o pior é ver como essa e outras ações influenciam na nossa construção social interna e suas transformações.

Hoje, Awaete, como muitos dizem na aldeia, já quase não existem mais; é como se o nome 'Assurini' marcasse os nascidos depois do contato e transformação e do “embranquecimento” da nossa cultura, cada vez mais influenciada pelo poder que os não indígenas exercem em nosso território, cultural e politicamente, sem nenhum questionamento nem de dentro, nem de fora. A única coisa que se sabe fazer é culpar o outro e nunca o que se está fazendo. É fundamental rever a ética nessas relações e buscar novos caminhos para se relacionar, respeitando de verdade, e para isso é importante que a gente se escute sem ego!

Dentre as alternativas burocráticas, encontradas em muitas tentativas de diferentes diálogos com a academia, está o diploma de 'notório saber', uma exceção que a academia dá ao reconhecimento de determinados mestres de conhecimento das demais ciências e universidade de saberes, que tem um de seus programas na UFMG. Infelizmente, o processo burocrático de reconhecimento, ainda que esteja buscando avançar no diálogo, ao ter como base eliminatória a faixa etária do detentor de conhecimento que deve ser em torno dos 60 anos, inviabiliza um importante diálogo, pois não consegue



contemplar importantes especificidades étnicas e seus ciclos internos de conhecimento, onde há, sim, jovens a partir de ciclos e provas internas do povo, aptos e com a função social de pesquisa e dedicação à continuidade de seu conhecimento, além de responsabilidade de diálogo e mediação com a sociedade não indígena para encontrar caminhos de resistência interna de seu povo, isso, com muita preocupação e cautela para “não se perder no mundo do branco”. Em especial, há etnias de recente contato que nem teriam como ter acesso a tal programa, já que seus anciãos não saem da aldeia, não falam português e não poderiam estar viajando para garantir a pesquisa, e ainda, precisariam de apoio e mediação dos mais jovens para o diálogo. Por isso mesmo, existem diversos ciclos internos de títulos e diplomas na cultura tradicional, mas que simplesmente são ignorados nas relações com a academia que parece só olhar e reconhecer suas próprias regras.

Não desistindo do diálogo me conectei à professora Líliam e, assim, ao Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal do Pará e, desde então, estou buscando dar continuidade ao aprendizado e cocriação de novas formas de diálogo, a partir do envolvimento, da escuta plena e empática com as diversas formas de saberes, práticas, ciências, universidades, tecnologias e com a academia, trazendo reflexões fundamentais para avançarmos em nossos processos de decolonização, em pluriversos e perspectivas diversas, sem esquecer que é na diversidade e no equilíbrio da constelação dessas conexões onde está nossa grande força. Se, para legitimar um discurso, tivermos que apagar um dos atores que contribuíram para a reflexão crítica, esse discurso perde todo o sentido, repetindo os mesmos erros do passado, não saindo do “mais do mesmo”.



Aprofundando ainda mais minhas investigações para, cada vez mais, entender as influências e doenças trazidas pelo contato, em meu atual contexto como pajã aprendiz Tywaywa, pajã do espírito da cura, estando em um dos territórios mais conflituosos e desmatados do mundo, tenho passado longos períodos na capital para, a partir de uma distância segura, continuar meu trabalho de cocriação e descoberta de caminhos regenerativos para decolonização de minha cultura e nossas relações. Toda doença tem seu dono. Só conseguiremos entender as doenças que estamos padecendo dialogando e refletindo junto aos detentores de conhecimentos de origem, ou seja, os povos de onde vieram essas doenças e suas causas.

A ideia não é substituição, e sim a união de conhecimentos junto aos atores envolvidos no processo de adoecimento, para que encontremos caminhos de cura juntos; principalmente quando falamos da depressão, que tem tudo a ver com essa tristeza que vem rompendo nossa produção e prática da cultura tradicional, e que ninguém gosta de falar com a gente sobre seus motivos, mas que conhecendo mais o mundo não indígena, descobri que é considerada a doença do século por aqui. Há fundamentos que nos unem no que diz respeito à depressão, uma das principais doenças da atualidade, que tem em sua origem a dor da perda de sentido e identidade que nos liga a um contexto e sociedade. Sentimentos que estão sendo cada vez mais trabalhados em diálogos, frutos da ampliação do envolvimento de pessoas e grupos associados à terapia e à saúde mental.

A partir de encontros de diversos formatos, que vão desde simples conversas até sessões de acompanhamento junto ao CAPS AD em tratamento iniciado em outubro de 2021, vem ocorrendo a complementação e a cocriação junto à minha rede de caminhos para a estrutura social, emocional e espiritual necessárias, não só para lidar com



as marcas e traumas adquiridos pelo etnocídio no conflituoso território em que cresci, como também para se aventurar nessa jornada de reflexão e transformação de forma mais segura e consciente, buscando a prevenção e a ruptura de ciclos de colonização e adoecimento, protagonismo consciente, regenerando cadeias produtivas de conhecimentos e diálogo, em especial, com as diversas ancestralidades e seus povos ainda existentes.

O futuro não é mais como era antigamente. E como será agora? Ao questionar essas relações, pretendo refletir sobre novas formas de fazer, que podem e devem ser baseadas no aprendizado e escuta mútua, a partir do olhar crítico sob a análise de práticas e metodologias consagradas e praticadas amplamente nas diversas metodologias de construção de conhecimento, em especial o acadêmico. Quanto ao processo de fortalecimento dos detentores de conhecimento, atualmente, mais nos influenciam externamente do que os influenciados; cada vez mais penso no quanto esses fluxos interferem e modificam nossas relações internas de forma drástica e colonizadora, ao ponto de não precisarmos mais de atores externos para nos auto colonizarmos. O quanto já estamos colonizados e traumatizados no processo de colonização, presos em orgulho disfarçado de empoderamento, reforçando e reproduzindo processos internos de opressão e silenciamento? Tenho buscado cada vez mais estudar e entender esses fluxos de conexão e compartilhamento, como se dão, para entender por que, apesar de tanta gente dizendo que nos apoia, continuamos como se estivéssemos “enxugando gelo”.

Ao longo dessa pesquisa que, de longe, começa neste livro, revolvi minha memória sobre o patrimônio musical incorporado ao longo de minha vida na aldeia, em especial na minha relação com minha avó Japuka, a quem dedico este livro, ao mesmo tempo que,



em diálogo com o fazer etnográfico, tenho buscado estratégias de entendimento e facilitação para mediar esse conhecimento aos não indígenas, na tentativa de reconhecimento, respeito e exercício da prática cognitiva entre saber e prática, da relação saber e ensinar que tanto está estagnada em relações internas de meu povo, principalmente na relação com as futuras gerações, o que compromete a continuidade e existência de minha cultura.

Paralelamente a isso, tenho me envolvido no registro de minhas memórias no meu canal de PodCast; onde busco, a partir da tecnologia digital moderna, fortalecer a metodologia da oralidade. Recentemente o canal lançou a série Kauyrau – Cantos e Contos do Jovem Pássaro Guerreiro que, a partir do fomento conseguido no edital de culturas indígenas da Lei Aldir Blanc, foi produzida com diálogo e pesquisa junto à parte da minha etnia sobre o recorte cultural trazido aqui neste livro.

Outra pesquisa paralela, que vem somar na metodologia de relacionamento de meu conhecimento e os diversos formatos de compartilhamento cocriados por mim e demais parceiros, a partir destas reflexões críticas como propostas de exercício para uma nova forma de se relacionar, é a plataforma “Janeraka Ryru – Acervo Multimídia do Patrimônio Awaete”, que busca organizar e reunir acervos de produções da cultura Awaete que se encontram espalhados pelo mundo, socializando seu conteúdo com nossos detentores de conhecimento, além de estimular a reflexão sobre a produção ancestral, a produção atual e novas formas de produção e sentido na relação com meus conhecimentos, meu povo e a sociedade global. Essa construção vem a partir da identificação de marcas e traumas apontados como significativos para o entendimento do adoecimento dos povos, em especial na relação com o não indígena, independente de sua origem ou forma de abordagem com os Awaete. Em minha caminhada de



troca de saberes e práticas com demais povos das águas, terras e florestas, identifiquei essa mesma dor, percebendo padrões coloniais de relacionamento. A partir daí, fui me conectando cada vez mais com diversos povos ancestrais e novas gerações dispostas a refletir, aprender e difundir outras formas de conhecimentos, metodologias e tecnologias decolonizadas.

Além do acervo com acesso restrito aos Awaete, a plataforma conta, em seu projeto total, ainda em fase de captação de recurso para produção, com uma área de vitrine interna e externa que possibilitará à comunidade fazer pesquisas e exercícios reflexivos sobre formas e propósitos, metodologia e processos de compartilhamento e salvaguarda de seus conhecimentos tradicionais e contemporâneos, além da reflexão e cocriação de diretrizes e bases de protocolos éticos de relacionamento interno e com a sociedade em geral, principalmente no que diz respeito à conservação, acesso, pesquisa e difusão dos acervos etnográficos Awaete, presentes nas principais instituições e museus no mundo e que influenciam a forma com que a sociedade respeita e se relaciona com seu patrimônio ancestral e sua cultura hegemônica.

Para nós, mais importante que a chegada é o caminho e todo o processo de relação e aprendizado contido nele. Assim, levando em consideração todo o processo histórico e traumático carregado por tais memórias, durante a construção da plataforma, houve o cuidado de, durante todo o processo, além das reuniões semanais que incluíam contação de histórias, o próprio canto conjugado às danças, e os registros em audiovisual, transversalizar o diálogo com profissionais de diversas áreas de conhecimento, buscando o suporte necessário para que esse revolver de memórias pudesse ser feito de forma digna e segura para seu detentor de conhecimento e para todos os envolvidos nessa busca de cocriação de relações decoloniais com nossa ancestralidade e produção de conhecimento e patrimônio. Mesmo



que esses encontros não acontecessem ao mesmo tempo, a conexão de cada conhecimento como etnomusicologia, terapia ocupacional, produção cultural, audiovisual, entre outros, funciona como um constelar de acolhimento e empatia, de aprendizado e crescimento mútuo, experimentando formas diferentes do que é proposto, na esperança de cocriar novos caminhos e sair do ‘mais do mesmo’.

Com base no relacionamento e registro de minhas experiências e memórias, foi sendo formado o Acervo “Timei Assurini Mumeuawa”, inventariado, decupado e catalogado, para uso em minhas pesquisas pessoais e do povo Awaete, em diálogo com pesquisadores não indígenas, a partir de novas metodologias e protocolos de regeneração e decolonização da ética nas relações entre ciência Awaete e ciência Acadêmica, nas quais o autor e os detentores de conhecimento não só devem ser consultados como devem ser incluídos em todo o processo de produção em cima de seus conhecimentos. Assim, solicito: “Todo uso de qualquer forma de relacionamento, principalmente no compartilhamento de todo e qualquer material produzido a partir do conhecimento aqui apresentado, em especial, sob a forma do que os não indígenas costumam chamar de inspiração, deve, obrigatoriamente, partir de um diálogo direto comigo, autor da obra em questão. Este é um dos principais acordos éticos que buscam um diálogo saudável entre nós. Deve ser por isso que vocês continuam sem saber nada sobre nós, mesmo com tanta publicação por aí. Não basta se relacionar com o saber, tem que ter envolvimento real para não sair publicando e documentando sem nenhum diálogo, como a gente vê por aí desde sempre. Inspiração é desculpa antiga, utilizada para banalizar a apropriação!”

Em meu processo, ora individual, ora coletivo, de estudo e trabalho, experimento e me relaciono com diversas linguagens e áreas de conhecimento, buscando refletir sobre a cocriação de novas formas



de registro e relacionamento com saberes e práticas. Pinto aglutinando as diversas informações na tela, bem como anotava letras dos cantos, suas traduções, e corrigia os termos em Awaete. As pinturas em tela não somente têm o objetivo de ilustrar o livro, quanto carregam pensamentos condensados sobre patrimônio, memória, música, sociedade e natureza, seja na conjunção de elementos vários, seja na combinação das cores e disposição dos elementos cosmológicos e simbólicos.

O deslocamento da reflexão sobre a “música do outro” para a “minha música” traz uma abordagem particular à metodologia de pesquisa etnomusicológica, em que a comparação enquanto método ocorre em relação ao pensamento hegemônico na busca por estratégias de contextualização do pensamento Awaete no mundo da pesquisa não indígena, relacionando as universidades de saberes Awaete e Acadêmica. Nesse caminho, da etnografia, busco organizar o pensamento demonstrando, a partir do conhecimento assimilado em minha experiência como Awaete, os modelos de classificação do repertório musical por ritual e sub-rituais (Kauyrau); por conjuntos de cantos (dos pássaros, que inclusive percorrem outros rituais); por modelos formais (canto fino e canto grosso referindo-se à forma de pergunta e resposta); por classificação coreográfica (dança do siri e dança em marcha), bem como o entremeado de música com os mitos de origem.

A escolha do tema surgiu da necessidade, pessoal e coletiva, de, a partir dos contos e cantos do Kauyrau, dialogar, reviver e questionar os saberes e práticas dos ensinamentos e princípios éticos básicos na formação social do jovem Awaete, minha geração, e que, hoje, encontram-se adormecidos ou corrompidos pela realidade etnocida em que vivem.

Em meu processo de autoetnografia, deparei-me com a necessidade de reflexão sobre registro e metodologias de minhas memórias pessoais e coletivas no meu universo individual, comigo mesmo, e nas relações



e expectativas no diálogo com meu povo e demais povos indígenas e não indígenas. O que é fato e o que é opinião? O que é individual e o que é coletivo? O que são memórias que desrespeitam a mim, minha família e meu povo e o que são ensinamentos importantes de serem compartilhados com os demais povos e o mundo? Como e por que fazer esse diálogo interno e externo? Quais os objetivos e as expectativas desde o contato, e como isso nos influenciou, inclusive, em nossas relações internas e o quê e como podemos regenerar, decolonizar, e como reescrever um novo futuro nessas relações? Como falar sobre meus ensinamentos e a lógica e ser entendido pelo outro que vem de outra cultura? Diante da necessidade urgente, imposta pelo nível de interferência em nossas vidas, como saber me posicionar neste novo momento e realidade? Esses são alguns dos principais questionamentos que permeiam os desafios em minha jornada pessoal junto a suas conexões e parcerias nessa rede constelada para a resistência.

Considero que estamos sempre mediando essa troca de conhecimentos, na esperança dessa nova forma de aprendizagem baseada em relações não desiguais, tendo a coletividade como princípio, a partir de diálogos com diversas áreas de produção de conhecimento, desde seus detentores, artistas até gestores e espaços culturais governamentais e não governamentais e a sociedade como um todo. Essa forma de diálogo de produção de conhecimento tem o objetivo de buscar a cocriação de metodologias e processos, assim como diretrizes e bases éticas e empáticas a serem contextualizadas em diversos contextos e realidade coletiva, com a intenção de eliminar o racismo e os preconceitos nas relações entre atores distintos.

O conceito de cocriação é fundamental para o entendimento da metodologia que proponho junto a parceiros nessa jornada, pois agrega o reconhecimento da união de conhecimentos e de sua produção



conjunta, constelando conhecimentos e experiências, individuais e coletivas, seja de qualquer natureza, assim como a floresta que tem na união da diversidade sua maior força.

A troca, então, surge também como conceito-chave, na medida em que ocorre um fluxo entre subjetividades nas relações de equidade entre os atores da pesquisa, de qualquer linguagem ou qualquer origem, que busquem o contato e conexão por algum propósito em comum, a partir do reconhecimento da importância da transversalidade e pluralidade de protagonismos, de acordo com o conhecimento e experiência pautado no contexto. Junto a isso, o colaborativismo busca a simetria e a validação do conhecimento e suas diversas fontes e origens, além do diálogo ético entre diferentes universidades de saberes, acadêmicos ou não acadêmicos, na promoção de pesquisas que respeitem a diversidade nas quais, de acordo com o conhecimento estudado, ou trabalhos de outra natureza, respeitem-se e reconheçam as diversas metodologias e suas diferentes formas de apresentação, linguagem e protagonismo, especialmente no que tange ao seu caráter essencial que é a oralidade, que está na base de toda nossa ancestralidade. Afinal, se a sociedade moderna continua buscando ensinamentos e pesquisando as sociedades ancestrais, por que não reconhecer e respeitar sua ciência e metodologias? Seria a manutenção de práticas do período colonial conveniente a se manter? Nesse sentido, ainda que o presente livro esteja escrito em “peles de papel”, como diz Davi Kopenawa em seu livro “A queda do céu”<sup>2</sup>, a fonte da produção do conhecimento é a oralidade, que chamamos de patrimônio e cultura imaterial fundamentados na perspectiva transgeracional, pois os ensinamentos e memórias trazidos aqui por mim são frutos e ensinamentos assimilados a partir de minha convivência e experiências com meus avós, tios, pais e demais membros de minha comunidade, sobreviventes de antes do memórias trazidos aqui por mim são frutos e ensinamentos assimilados

2. Kopenawa, Davi; Albert, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras. 729 p.



etnocídio, a palavra escrita no idioma das sociedades colonizadoras pode colaborar para a decolonização e regeneração das relações entre sociedades, no caso, indígenas e não indígenas, possibilitando apoiar a reflexão e cocriação de novos caminhos de salvaguarda e continuidade das diversas formas de vida e de importantes conhecimentos que se encontram em situação de vulnerabilidade, pela falta de ética no contato em seu início e continuidade. É fundamental que, desde o início, seu processo de construção seja reflexivo e ético, a partir da prática da autorregulação e feedback, tendo como princípio a empatia para a união e o reconhecimento de todos os atores fundamentais, ampliando o entendimento do processo em contextos diversos, sem apagamento em nenhum dos lados. Refletir sobre relações passadas, presentes e o que queremos para o futuro.

A forma com que compartilho conhecimento, o que seriam os cantos do meu povo, reforça, ainda mais, a lógica de construção de conhecimento de minha cultura, que vai além da técnica, aprofundando em sua origem e nos atores que fazem parte desta cocriação, tornando-os parte fundamental dos ensinamentos necessários para acessar tais saberes e práticas. Toda coisa tem seu dono e saber quem é ele e como ele conseguiu esse saber e prática é parte fundamental do envolvimento necessário no preparo para acessar tais conhecimentos de forma consciente. Quem sou eu que pratico coisas que não sei nem de quem é e nem de onde veio?

Nesse processo a decolonização é fundamental, principalmente para o processo de entendimento do que é seu e o que é do outro, o que foi assimilado nessa relação, principalmente em culturas e territórios marcados pela colonização. A partir da consciência e identificação dessas assimilações, conseguimos limpar e redirecionar nossa mente para, então, passarmos pelo processo de regeneração e cura. Assim, o termo regeneração também é de grande relevância no entendimento dessa proposta.



A base de todos os relacionamentos é a ética, a forma com que ela se aplica e constitui protocolos. O conhecimento vem a partir de relacionamentos e envolvimento que vão além do teórico, que partem de experiências que, na verdade, são ensinamentos que a gente está registrando, e isso é mais profundo que um livro. Especialmente nesses conhecimentos que duram séculos, que vêm desde a criação do mundo. Assim, a gente vem tentando levar adiante os ensinamentos que vêm desde os nossos pais, avós, para que a gente possa mostrar aos demais, longe de preconceitos e implicações. É necessário que haja a experiência de respeitar o espaço e o trabalho do outro e a consciência de que a gente é parte desse grande mundo, no coletivo.

Esse trabalho que a gente está fazendo é pra mostrar para as pessoas, especialmente na academia, que é possível sim dialogar e cocriar conosco e nossos conhecimentos de forma coletiva, é possível fazer uma parceria da maneira ética e empática. Esse trabalho também servirá pra ser utilizado no diálogo interno da comunidade, por isso é importante trazer os princípios que a própria música traz, para compartilhar de forma consciente e respeitosa com os demais amigos e familiares. O fundamento da cultura Awaete é a coletividade, sobretudo nos tempos antigos, por isso ela não acaba, a cultura não acaba, o que acaba é a nossa vida, a qual é continuada pelos que aqui ficam e pelas lembranças do que foi compartilhado. O ensinamento dos pássaros, as músicas, a cultura, estão aí, nós é que nos afastamos dela. Por isso é importante respeitar, por isso nós também merecemos ser respeitados e as outras formas de vida também. Não só porque é Awaete, 'Awa' é pessoa e 'ete' é verdade, gente de verdade.

Para nós, o verdadeiro não é focado na pessoa, mas no conhecimento e prática dela. Awaete é quem sabe a cultura individual e coletiva, pratica e se envolve com ela. É importante refletirmos nessa



lógica e ética Awaete para não nos deixar corromper no ego e acabar por nos afastar e sair do caminho dos verdadeiros ensinamentos deixados por Maíra e nossos ancestrais, antes do tempo de Mawa, na nossa atual geração. As músicas vêm em um pensar e sentir e, nesse processo, a gente transforma muita coisa. Desde quando tive ideia de escrever e ilustrar, foco na reflexão e investigação do relacionamento entre o espírito e o nosso corpo físico que, em nossa lógica tradicional, transborda de tanto respeito que se tem nessas relações, a ponto de enxergar os animais e os espíritos conectados como irmãos e manter esse transbordamento de respeito por várias séculos e gerações. São ensinamentos profundos dos Awaete, o olhar para a coletividade dentro da ética das relações de como se vivia nos tempos antigos. O tempo todo ficamos nos perguntando: Quem nós somos? De onde nós viemos? Quais nossos conhecimentos? Quais nossas músicas? Sempre buscando a conexão e reflexão sobre esses ensinamentos e suas relações, de forma crítica individual e coletiva. O quanto se sabe se pratica, questiona-se sobre como melhorar? Hoje, estou tentando aprender a me estimular de forma a unir conhecimento, ao invés de substituir e competir; somar e multiplicar, ao invés de diminuir e dividir. Como ser Awaete nos dias de hoje? Como continuar a memória Awaete sendo Awaete perante tantas transformações baseadas em ilusões, contradição e destruição?

O registro dessas músicas é uma forma de respiro e de mostrar que nós conseguimos trabalhar em conjunto, dialogar de forma ética e com equidade, seja com a academia ou qualquer outra forma de produção e construção de conhecimento, pois aqui tem sim pedagogia, tem ciência dentro da música que vem de nossa universidade Awaete. O que falta é a reflexão e ação do olhar crítico para regenerar a ética nas relações perante o contato e a continuidade da colonização ainda nos dias de hoje, em especial de nós Awaete com não indígenas e indígenas



de outras etnias, que cada vez mais estão presentes em nossas vidas e territórios, influenciando nossas culturas e comportamentos. É fundamental refletirmos sobre outras formas de diálogo, sem nos deixarmos levar por sentimentos da colonização, como vaidade, medo de perder privilégios. Oportunismos, vitimismos, assistencialismos. Ninguém precisa colonizar ninguém.

Toda cultura tem seus desafios internos que podem ser fortalecidos ou reforçados por relações externas positivas ou nocivas; por isso, a importância da humildade nessas relações. Se estou em outra forma de compartilhamento de saberes, falando para diversos povos e culturas, escrevendo em outro idioma e formato, é claro que não estou fazendo sozinho, ou só com Awaete. Reconhecer isso é reconhecer a união, o conhecimento e a importância do outro em todo processo de construção e relacionamento, sem substituir ou silenciar ninguém. Se fosse para falar só para o meu povo, de forma tradicional, seria feito na língua, em volta da fogueira. Com as transformações atuais, para me conectar com a minha geração já influenciada pelo etnocídio e as interferências no território, além de escrever em meu idioma, ainda preciso aprender mais sobre diversas linguagens e veículos de comunicação, e não tem como entender e fazer isso sem diálogos interculturais, já que a globalização influencia cada vez mais a gente. Para isso, a prática da transparência e reconhecimento da importância e do lugar de fala de cada um nesse processo é fundamental para a continuidade desse importante ciclo de conexões que fazem parte da vida. Vejo, muitas vezes, pessoas que, ao tentar nos dar voz, acabam por nos orientar a esconder ou maquiagem as conexões deste processo, principalmente na hora de mostrar resultados feitos entre indígenas e não indígenas. Como se reproduzir o apagamento que sofremos fosse fortalecer a gente, como se colocar que fizemos juntos fosse desmerecer minha participação ou a do outro, quando, na verdade,



isso acaba estimulando para que a gente fique tão egoísta quanto de quem a gente reclama.

A ideia não é escolher entre o nome do indígena ou do não indígena no livro ou em qualquer formato de obra ou publicação, e sim garantir a visibilidade e o reconhecimento de todos os envolvidos no processo de cocriação independente de sua origem, assim como Maíra nos ensinou. Estou, cada vez mais, aprendendo sobre a importância de estar atento, refletindo a todo momento sobre os assédios, decisões, origens, com que objetivos e como os conhecimentos estão sendo compartilhados nessa nova geração e como eles influenciam nossa forma de pensar e agir, influências que a gente nem se dava e ainda não se dá conta de onde vinham e vêm. Mesmo, aparentemente, com boas intenções, estamos todos confusos, ainda aprendendo nessas novas relações, e como a forma de aprender do Yarakya é diferente da nossa, ele dificilmente sabe de onde vem o conhecimento que ele pratica. Ele também está aprendendo ainda mais sobre o conhecimento que ele está compartilhando, sem nem pensar nessas coisas e, assim, mais do que influenciar em nossa prática, acabam influenciando nossa forma de nos conectar com o mundo, aprender e construir conhecimentos.

O pensamento crítico sobre o que e como cada um se conecta é fundamental, principalmente neste momento de globalização, em que muitas ações colonizadas e colonizadoras continuam disfarçadas de união, inspiração e empoderamento. Afinal, o que esperar de relações que focam no poder? Já que é tradicional e natural de nossa cultura a troca de saberes e suas práticas, tanto entre gerações, como com outros povos, animais, espíritos e diversas formas de vida, é possível, a partir de um olhar profundo para tudo isso, identificar um monte de coisas que podem mudar a vida das pessoas, suas perspectivas e relações, especialmente no olhar sobre as diversas fontes e formas



de conhecimento, como esses animais e esses espíritos que habitam e mediam os mundos muito antes de nós. Assim, sempre seguindo as regras dadas por Maíra e compartilhadas pelos anciões sobre como mediar e se comunicar com esses ensinamentos e seus detentores de conhecimento, respeitando suas múltiplas origens, é possível continuar essa conexão com os animais, com a música, com quem já foi e com as mais diferentes formas de energia e vida.

### TIME'I AWAETE e CARLA ROMANO



TAKUMU'U MYTU. CARLA ROMANO E TIME'I AWAETE, 2023





# CAPÍTULO I

**SURGIMENTO DOS AWAETE E OS  
"UYRA'AWA – PÁSSARO GENTE"**



Nós, Awaete, acreditamos que esses pássaros, esses espíritos, viviam na Terra antes de nós, seres humanos. Contam os antigos que um de nossos ancestrais, chamado Uajaré, foi coberto pelas águas e ficou vários dias em cima de um pé de bacabeira.

Depois disso, ele não sabia mais de nada. Esses dias que ele passou lá em cima fizeram com que ele perdesse a memória. Ele era pajê, mas ele não previu nada, os espíritos não avisaram que o tempo havia acabado.

Choveu durante semanas e a água subiu muito...tudo inundado, peixe e caranguejo com dente comeram todos os parentes dele. Agora ele não sabe mais de nada. Depois disso, todos os animais morreram, jabuti, onça, paca, cobra, morreram todos!



PINUWA. TIME'I AWAETE, 2022



Os únicos que sobreviveram foram aqueles que voam pelo céu, arara, gavião, urubu, todos os pássaros.

Quando as águas baixaram, ele desceu e pegou a garça, que estava comendo peixe, e a guardou dentro de um chiqueiro de gavião. A água tinha matado todo o povo dele e só ele subiu até o céu. Por isso que o pé de bacabeira é assim rachado, pois foi ali que o banquinho dele ficou, no meio. Ele pegou a garça para criar como se fosse um animal para lhe fazer companhia. Todos os dias ele saía para procurar pessoas sobreviventes e, certo dia, falou para ela:

– Garça, se tu fosses gente, faria mingau pra nós dois não é?

– E ela respondeu: - Uhu, Uhu....eu vou fazer.

Depois, ela saiu da capa dela, abriu desde os peitos, tirou o corpo da Garça e saiu. Pegou mandioca seca, amendoim e fez o mingau. Quando o Uajare voltou, ele viu o mingau perto da rede e ficou surpreso. Ele procurou em todos os lugares e não achou ninguém. Isso já era o que hoje acreditamos ser por volta de 17h30. Na quarta vez, ele pensou: - A única com quem falei foi a Garça. Agora eu vou fingir que vou procurar pessoa e vou ficar calado. – Quando a Garça começou a bater pilão, pilando mandioca seca, Uajare ouviu e começou a correr. A Garça parou de pilar, peneirou e colocou de novo no pilão. Ele chegou e quando viu, era uma mulher muito bonita, toda pintada. Ele a segurou e perguntou:

- De onde tu veio? Quem é você? Onde estão os outros? Vamos lá com eles?

– Não, eu preciso fazer mingau, tu pediste para eu fazer mingau, eu sou a Garça.

– Não, minha Garça está ali. Disse ele apontando pro chiqueiro.



– Não, aquela ali é só a minha capa. Essa aqui sou eu.

Ela falou para ele pegar o isqueiro com os Urubus. Antes do Uajaré ir, a Garça falou para ele:

– Finge que tu tá morto e espera ele colocar o isqueiro no chão e pega. Passa cupim em você, vai aparecer aquelas larvinhas e ele vai descer. Espera ele chegar, você vai ouvir os outros, urubus e gaviãozinho falando:

- Onde ele está?

– Ele está chegando...

E tu vais escutar ele zoando...zuuuuuu...e vai chegar o Urubu Rei, que é o Urubu Branco.



UYRA. TIME'I AWAETE, 2023



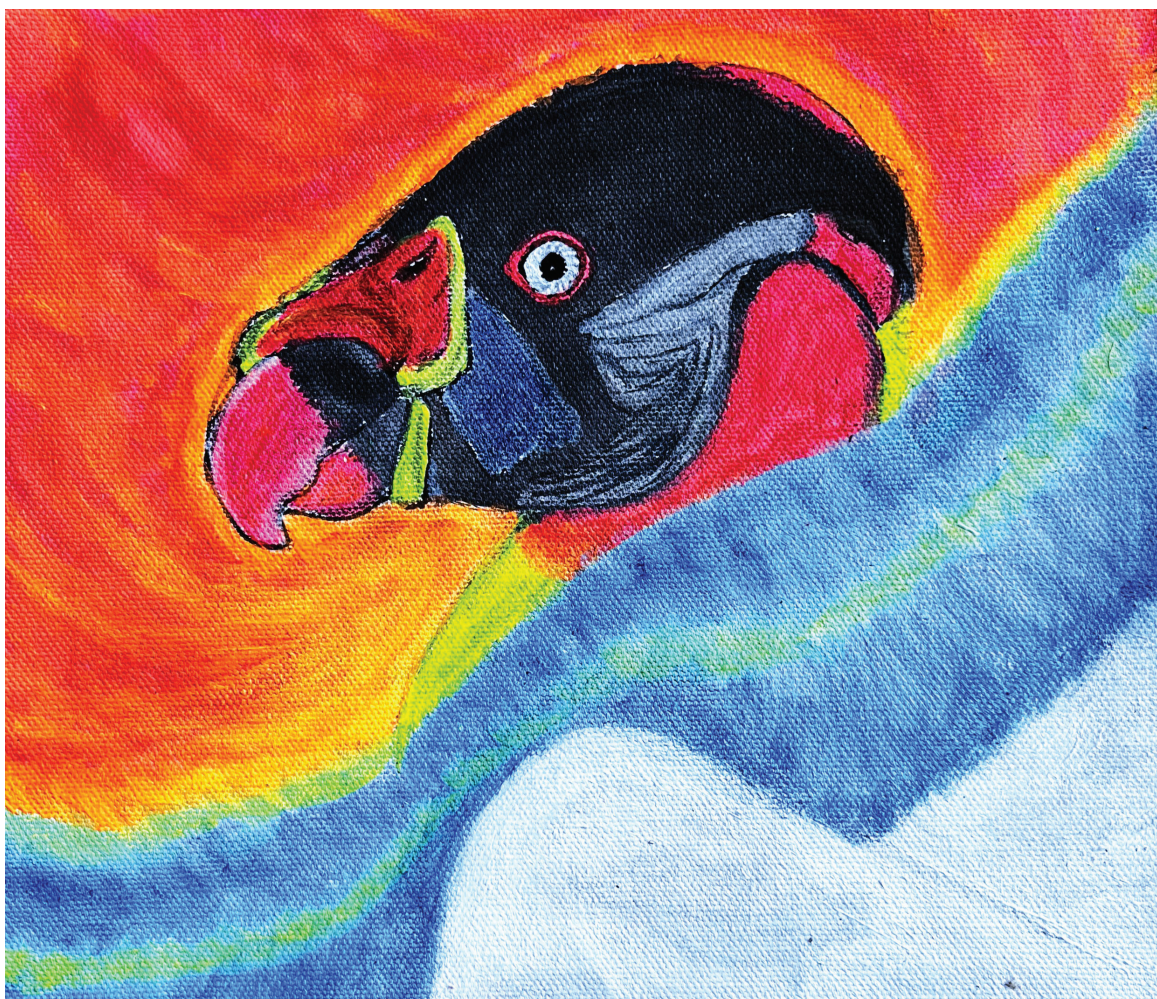
O urubu rei é um dos nossos parentes mais próximos. Ele é o dono do fogo e, por isso, ele tem direito a comer o que a gente come.

Então Uajaré fez isso, mas só conseguiu pegar o isqueiro do Urubu na quarta vez.

Então o Uajaré pegou o isqueiro e acendeu o fogo. A Garça falou assim:

– Acende logo o fogo que meu irmão, o Urubu Branco, vem buscar o isqueiro dele. E escuta o que ele vai te falar, não responde pra ele. Ele vai te falar umas coisas que irão te ajudar.

E lá vem o Urubu Rei andando.



URUWUTIGA. CARLA ROMANO E TIME'I AWAETE, 2023



– Quem é você, seu ladrão que roubou meu isqueiro? Pra tu ficar com minha irmã Garça, tu tens que saber de tudo. Tem isqueiro bem aqui, nessa árvore aqui dá, nessa outra árvore aqui também dá.

Passou um tempo e Uajaré se uniu com a Garça e tiveram quatro filhos, dois homens e duas mulheres: o Pajê, o Uanapy, a Murawi e a Uyratime. Os filhos e filhas também se uniram entre si e, como a união entre irmãos vai de encontro às nossas regras tradicionais, ele pegou todo tipo de doença e morreu. Antes de morrer, Uajaré mandou a esposa Uira'ajyra ir para o céu com seus pais e levar seus filhos com ela, porque aqui na terra a doença que ele pegou iria afetar todos que aqui viviam. Mas os pássaros sobreviveram, dando origem aos demais animais nos quais se transformam, inclusive os humanos. Não é à toa a grande diversidade de pássaros, suas espécies, hábitos e personalidades muito mais do que nós humanos.

Nós, Awaete, viemos de um tipo de arara vermelha, que chamamos de Araraete. O papagaio também está ligado à nossa criação, como mediador entre os diversos mundos, físico e espiritual. Na criação, os diversos pássaros e araras conviviam juntos e, como cada um sempre teve sua forma de se alimentar, cada um traz um conhecimento diferente, constantemente compartilhado. Assim, quando viramos gente, durante a continuidade de nossos aprendizados e transformações, levamos com nós o ensinamento dado por Maíra à Takumu'u, um outro tipo de arara vermelha, irmão da Araraete, que nos ensinou o poder de uma castanha específica, utilizada como base de nossas receitas e alimentos sagrados.

Assim, tomamos o mingau feito com ingredientes de forma específica, de alta importância para nós e nossa identidade. Nossos ancestrais nos reconhecem quando tomamos estas receitas trazidas por Maíra, com aquele alimento gerado na criação. Kauí'ete.



Numa parte da história de Maíra, quando nos fez, quando estava criando as plantações, pensou na alimentação:

- O que os nossos filhos vão comer?

Primeira coisa, vai ter o principal para fazer o alimento básico para ficar forte e seguir, que é o mingau e a castanha, Jỹ, também chamada pelo não indígena de castanha do Pará. Então, ele fez um pé de cuia crescer se transformando na castanheira, e da cabaça da cuia se deu o ouriço da castanha. Os cipós, que tem na castanheira, vieram da linha de algodão usada na comunidade, nós a chamamos de Ynyma. Quando a criança estava brincando na cuieira enrolou-se num pedaço dessa linha e quando Maira fez uma reza para crescer a cuieira, ele cresceu junto, e se transformou em cipó.



Com o ensinamento de comer castanha, a Araraete, Takumu'u, aquela que gosta de comer castanha, também nos ajuda, até hoje, a saber o momento certo de coletar, ela é quem sabe quando a castanha está boa. Maira disse:

- Tu que vai saber quando é que a castanha está pronta. Então a Arara subiu e derrubou a castanha:

- Vê aí se está boa.

- Não está boa ainda não.

E hoje, a gente vê que quando a castanha está quase no jeito, Takumu'u dá o sinal e derruba o ouriço pra gente. É tradicional, até hoje os veios saírem para coletar essas castanhas derrubadas por ela e levarem para a aldeia para fazer a primeira leva de mingau com castanha nova. Foi Takumu'u que ensinou e continua ensinando esse tempo certo para nós. Ela que inicia e marca o tempo certo de coleta. Só então a gente sobe pra tirar. Então, é nossa história de origem e esses alimentos que fazem com que nós, Awaete, tenhamos conexão com esses pássaros. Arara, Papagaio, Urubu, Garça, Gavião, cada um desses pássaros que existem no céu são chamados de Uyra Ajyra; aqui no Pará, Brasil, Japão, Índia, lugares diferentes, eles estão em todos os lugares.

Assim como Takumu'u nos trouxe a castanha, outros pássaros trouxeram demais ingredientes, como a mandioca e o milho, utilizados nas receitas dos mingaus, importante alimento para nós, Awaete. Por essas e outras, é importante prestar atenção às interferências em nossa cultura, inclusive a alimentar trazida pelo contato com os não indígenas, até mesmo em ações que dizem fortalecer nossa cultura, quando pesquisadores, antropólogos, gente da educação que, mesmo com anos de convívio com a gente, insistem em dizer que estão apoiando



nossa cultura e ritual, levando milho transgênico, ao invés de apoiar nosso patrimônio genético e sementes tradicionais trazidas pelos espíritos, em diálogo com nossos pajés, que vêm da relação de respeito entre os indivíduos e o meio, a ponto de transbordarem nessa comunicação profunda com os encantados.

~

O mesmo acontece com o assédio à comercialização de nosso sagrado, onde se aproveitam de nossa vulnerabilidade, pelo etnocídio, promovendo o escoamento de nossos patrimônios culturais e genéticos, com ações como plaqueamento das castanheiras, alterando nossa relação com nossa cultura e o acesso a sua biodiversidade, a qual acaba saindo para o território estrangeiro, por ser mais lucrativo, não restando quase nada para a aldeia, que dirá para os animais da floresta. Relações predatórias, exploratórias e extrativistas que vão, cada vez mais, transformando nosso território no “caminho das Índias”. Cada vez mais tem ficado claro que, quem realmente apoia a nós e a nossa cultura alimentar faz apoiando a produção e consumo interno, sem focar, mais uma vez, em explorar nossos conhecimentos, alma e riquezas para atender desejos e necessidades externas, como no tempo da colônia.

Essa lógica de assédio traumatizou o povo, principalmente depois da chegada dos projetos do PBA da Norte Energia, que sempre usou as pesquisas dos doutores acadêmicos sobre nós, em todas as ações, para nos convencer dos benefícios dessas mudanças e substituições, para depois aparecer bonito na foto e no relatório, não levando em conta a forma, o processo e as consequências dessas interferências, que confundem principalmente as atuais gerações, substituindo os ensinamentos básicos de nossa cultura, fundamentais na construção de nossa identidade enquanto Awaete.



Eu sei que eu sou Awaete por conta desses ensinamentos profundos e seus fundamentos. Se eu não sei mais isso e não pratico, nem eu e nem meus parentes, quem eu sou? quem nós somos? No atual momento em que estamos, com tantos anos de interferência em nossa vida, território e cultura, falta reflexão e escuta profunda de igual pra igual de todos e, com o enfraquecimento de nossa cultura e ritual, essas influências nos deixam ainda mais vulneráveis aos processos de perda de nossa cultura e identidade. Essa lógica corrompida é algo que, hoje ainda, temos muita dificuldade de entender, até mesmo em diálogos internos, onde nossos objetivos se confundem por não conseguirmos mais identificar o que são nossas escolhas como Awaete e o que são comportamentos de Assurinis, influenciados pela lógica do pensamento trazido pelo contato. O apelido trazido, dado, pelo “descobridor” ou “colonizador”, marca profundamente essa transformação e confunde, ainda mais, até mesmo os não indígenas, que pouco sabem sobre nós e ainda nos confundem com os Assurini do Trocará, que é outra etnia.

A importância da conexão de diversas formas de vida está na base da existência Awaete e os ensinamentos nos mostram que a diversidade não é o problema, o desafio está em seguir as regras e seus protocolos, em respeitá-los, para que esses reencontros espirituais aconteçam de forma saudável e alinhada, uma vez que a criação é única e tudo não passa de um reencontro. Até mesmo em algum momento, a nossa história e a dos não indígenas, como chamamos Yaranakya, se encontram na criação. Foram os espíritos dos pássaros que se materializaram aqui e que nos trouxeram, pois, os antigos animais que estavam aqui morreram. Porém, ao mesmo tempo, não morreram; alguns se transformaram em espíritos, outros em outras formas de vida no mundo físico, como animais, plantas renascendo e transmutando de várias formas, assim como as borboletas. Num ciclo



de metamorfose física e espiritual como metodologia de crescimento, evolução e maturação espiritual. A cada transformação, vamos reforçando essas mudanças, gerando cada vez mais diversidade. Alguns que se transformaram em espíritos, como os Yjara, que foram para as profundezas das águas e estão vivendo outra vida lá embaixo. As cobras gigantes, por exemplo, são os caibros das casas desses espíritos que vivem na água.

Por isso tem karuara e outros espíritos das águas, que a gente traz em rituais de compartilhamento desses ensinamentos, como no Kauara, que é um ritual de finalização de todas as aprendizagens dos jovens guerreiros Awaete. O ritual das mulheres, por exemplo, ocorre com espíritos das águas, como onça e cobra gigante, transformados do plano do invisível para o visível. Nesses rituais, as pessoas veem o jacaré boiando no rio, com peixes e ariranhas dançando ao redor. Na hora que a mulher paje vê, ela vê pessoas cantando e dançando. Daí, acabando o ritual, vão embora pra casa, pois já não são peixes, estão transformados em outra coisa. As mulheres são criadas nesta linha, desta sabedoria com os espíritos da água, com a orientação deles com quem aprenderam na criação. Por isso é que, quando o corpo das mulheres morre, elas vão embora com Uyra Ajyra; só a mulher paje que vai sozinha para as profundezas d'água.

Os cantos surgiram com os pássaros nesse período da criação do mundo, entre humanos e animais, e muitos deles, os principais que contém a base do ensinamento e da história Awaete, são os mesmos até hoje. Os cantos do Kauyrau não mudam, já os cantos do paje podem sofrer alterações ou mudar totalmente, porque ele vai frequentando outros mundos, tendo novas experiências, adquirindo conhecimentos e diferentes conexões com diferentes espíritos. Assim é nos cantos, refrões podem ser substituídos por outro, de outra música do mesmo



repertório, na maioria das vezes influenciados pelo tipo de espírito que se pretende conectar. O Kauyrau traz ensinamentos básicos para um guerreiro, sendo tipo uma prova para ser reconhecido como Awaete e para ter direito à voz na comunidade. Tu foste Kauyrau, depois passou por outras fases, e vai crescendo espiritualmente. É como o ensino fundamental e médio para o Yarakya, na escola. Cada história dessas, cantadas em rituais, vai mentalmente nos conectando com outras coisas, e assim, já olhamos esses pássaros com outro olhar.

Quando eu era criança, eu caçava muito esses passarinhos e a vovó sempre falava: - “Não brinca!”. Agora, tá difícil de se conviver, pois antigamente as crianças não mexiam com isso, agora temos que lidar com o assédio da comercialização das penas e cocares. Com tantas mortes, desde o contato, está difícil passar nossos saberes e práticas, isso pode ser perigoso. Desde então, já passamos por momentos, na aldeia, de grandes desafios espirituais que trouxeram cenas de filmes de terror para a realidade. Por um bom tempo, ninguém podia nem sair de casa, ao mesmo tempo em que meu irmão mais velho estava em processo de transformação em conexão com dois espíritos de conexão, como pajê. Naquele tempo, ainda estavam vivos uns oito pajês antigos que aguentaram a pancada de ataques dos espíritos. Com tantas mudanças, já não estávamos mais seguindo as regras, e o ambiente da aldeia já não estava mais tão preparado para a manifestação dos espíritos dos pajês que, ao consagrarem meu irmão, entraram em conflitos com espíritos invasores e de baixa luz, agora presentes e fortalecidos com nosso crescente etnocídio.

Assim a história vem mostrando e nos dando provas da importância do respeito à diversidade e as regras para suas conexões, convivendo e respeitando o espaço, o conhecimento e o ciclo de vida de cada um, uns dos outros. A diferença é vista como riqueza, pois, a partir dela



ampliamos as possibilidades de conhecimentos e aprendizados. Onde tem muitos pássaros, têm vários rituais com várias músicas de cada pássaro: araras, garças, papagaios, gavião e até passarinhos...

No tempo da criação, Maíra, Deus pra nós Awaete, criou uma forma única de falar com nossos anciãos e pajês, com objetivo deles serem mediadores entre os mundos e seus ensinamentos. Maíra também colocou a folha na boca da arara pra ele falar e entender nossa língua. Por isso que quando o pajê pega uma dessas folhas sagradas aqui no plano físico durante o ritual, ele entende além da história, em outra dimensão, no físico, o olho dele já muda e, nisso, ele consegue a conexão necessária para acessar os seres, seus conhecimentos e realizar a cura. Estas histórias são conectadas, juntamente com a histórias dos pássaros. Eles que nos ensinaram os cantos. São os pássaros encantados que produzem essas músicas no universo, porque é o caminho tanto deles quanto nosso, por isso que dizemos que somos uma coisa só.

Chamamos de Uyrakatu, o pássaro dos encantos. São dois, um na frente que canta a mesma música sempre, que traz os ensinamentos e princípios éticos básicos da raiz da cultura e o que está no outro canto, que traz outros encantos, novas músicas, com mais agitação buscando mais envolvimento da comunidade através da adaptação às transformações. E nisso também tem a criação dos pássaros, o que e como eles se ensinam. E quando eles eram gente, vamos dizer assim, o sabiá foi, em nossa história, um importante incentivador, sendo um dos primeiros multiplicadores das músicas do Turé, importante ritual Awaete. O gavião vem desde a criação do mundo, como não tinha onça, ele é um animal que era mais forte para se transformar em onça, então ele trouxe essa mutação. Ele ensinou todos os pássaros, houve um momento na história dos pássaros em que cada pássaro estava ensinando um ao outro, trocando saberes e se apoiando nas dificuldades.



Certa vez, duas pessoas de uma das antigas gerações se estranharam por conta de uma brincadeira boba que envolvia a mulher de um deles e, por conta disso, seu companheiro cortou a escadinha deixando o outro rapaz preso em cima, na árvore, junto ao filhote do gavião rei dos gaviões reais, Japaritu, o chefe dos chefes. Como antigamente a conexão espiritual entre humanos e os animais ainda era mais intensa e constante, quando deu seis horas, de tanto sol, bichos entrando em seus olhos e medo, ele entrou em transe e quando viu já não estava mais em cima da árvore, já estava em cima da casa de Japaritu, no plano espiritual. Quando o Rei Gavião chegou, perguntou:

- Quem é aquele rapaz que está em cima da nossa casa?

- Não sei, eles brigaram por causa do nosso filho. Respondeu a Rainha Gavião, mulher do Japaritu.

- Ah, manda ele descer, porque tu não mandou ele descer?

- Fiquei com medo de ele ter medo da gente.

Então ele mandou o rapaz descer, comeram e conversaram.

- Tá bom, então vou te transformar. - Disse Japaritu.

No outro dia, quando o pessoal foi buscá-lo na árvore, viu um monte de gaviões e então acharam que os gaviões tinham comido ele. Na verdade, eles estavam fazendo ritual pra ele lá em cima e ele estava de boa numa casa, recebendo vários armamentos como asa, bico, garra dos espíritos do Rei Gavião. Depois que fizeram ele, ficou tipo um gaviãozinho. Ao terminar, Japaritu falou:

- Agora tu vai pegar o rapaz que te prendeu na árvore e trazer aqui pra gente.



Chegando na aldeia, como gaviãozinho pequenininho, o mesmo rapaz que o prendeu tentou fechá-lo, mas ele errou e, como resposta, o gaviãozinho o pegou pelos ombros, se transformando em um gavião real dos grandes, o levando para o alto do Jatobá, a árvore que estava o filhote. Por isso, até hoje, quando retiramos a resina do pé de Jatobá para os nossos rituais de Kauyrau, a gente vê lá o filhote certo de gavião a ser pego para conseguirmos as penas para utilizar nos rituais, muitas vezes complementadas com as de Uruwutigu'u, o Urubu Rei também chamado de Urubu Branco.

Quando chegaram na casa do Japaritu, eles comeram o rapaz e sobrou só o osso. E o Japaritu falou pra ele:

- Eu te ensinei, agora mostra pra mim, traz a vida dele de novo.



Daí o rapaz, transformado em gavião real, aprendiz de Japaritu, provou ser digno dos ensinamentos passados, aplicando na prática, trazendo não só o outro rapaz à vida como também o transformando em gavião real e Pajã. Então, depois de transformados, os rapazes vieram juntos pegar suas famílias. Tem até música que eles cantaram juntos neste momento histórico.

Há muitos relatos de perda de cantos e memórias na nossa cultura, normalmente relacionados a traumas, perdas, tristezas e depressão. O Guariba também tem em sua origem a conexão ancestral com os pássaros e, em algumas de suas transmutações, teve “vida de sabiá”, quando aprendeu a cantar e tocar taboca. Houve uma época em que ele perdeu a música da linhagem do seu povo, pois o pai dele morreu em decorrência de um acidente causado pela teimosia e vaidade dele mesmo. A morte do ancião levou ao afastamento dos outros macacos que o culpavam, bem como seu tio que não conseguia mais vê-lo pelo trauma causado pela situação. Assim, sentindo-se culpado, ele não sentia mais vontade de cantar e se isolou. Passado um tempo, na esperança de encontrar quem ainda guardava os conhecimentos dos cantos e seus instrumentos, em especial o Turé, ele saiu de sua casa perguntando por cada macaco que existe, bugio, macaco-prego, mão de ouro, seus primos, a preguiça e o esquilo, até chegar no tio dele que estava na ponta da aldeia. Daí ele pediu para reaprender as músicas de sua linhagem. E aí juntou todo mundo, como fez o gavião. Quando se juntou a geração dos Awaete com eles, juntou conhecimento.

Por isso que, no Kauyrau, quando a gente usa a pena do gavião real, se conecta com essa criação, que juntou todos os gaviões, aves, macacos e diversos outros animais que, em seus processos de origem e transmutação, têm relação entre si e com nossos ancestrais Awaete. O Kauyrau é um canal de conexão de nossa formação onde são



aprendidas muitas coisas com importantes ensinamentos, experiências e rituais, nos quais todos os Awaete precisam passar.

A história conta que, primeiramente, os pássaros cantaram entre si. As araras, os periquitos, os gaviões, não são bichos estranhos. São pessoas que já estavam aqui conosco. Quando morremos, a gente também se transforma em pássaros. A memória vem desde a criação, e na continuidade dos ciclos de transmutação e aprendizados vão sendo assimilados, constantemente, conhecimentos de animais como os da cobra pintada que trouxe uma parte das músicas ampliando os ensinamentos do turé.

Tudo adquirido a partir da convivência em harmonia dos diferentes seres e o diálogo compartilhado de seus ensinamentos. A figura do pajã é importante porque ele se comunica mediando os jovens guerreiros e os encantados, os guiando nessa conexão. O pajã entende o que eles cantam na incorporação ou no sonho, como eles vieram na evolução, e assim vão aprendendo um com o outro, fortalecendo as gerações que se sucedem.

Os cantos podem ser aprendidos através da pajelança. Antigamente no início dos processos evolutivos, os espíritos viviam entre o espiritual e a matéria, metade pessoa, metade espírito, metade animal, transmutando entre si, metade onça, metade pessoa. Por isso, as pessoas já sabiam os cantos porque eram também metade espírito. É como se a memória despertasse a partir da conexão. Então, com a evolução, como as pessoas iriam se comunicar? Através do sonho do pajã. Mas, ao mesmo tempo, os animais também se manifestavam ao contrário, até hoje.

É por isso que a memória e a história de um povo é tipo uma coisa sagrada, que tem a ver com o passado e o presente, que liga o espírito. Ao mesmo tempo que são muito próximos, é uma forma de proteção e comunicação com os ancestrais. O pajã nunca para de cantar, o tempo todo tem festa para ele, junto aos espíritos. Ele se transforma.



Nós temos o papagaio, a arara, cada um que faz parte dos nossos guias espirituais que ficam com o pajê, para continuar se comunicando conosco. Antigamente tinha muito guerreiro, havia muita intensidade, energia. No Kauyrau, tem lugar de guerreiro, de cantador, e cada um desses espíritos são todos da água. O papagaio e a arara também são da água. O pajê, quando afunda, entra na casa, como se fosse a casa da aldeia. Nos vários momentos da história em que a água subiu e cobriu a terra, no tempo da criação, até hoje, eles vivem lá embaixo.

Os cantos vieram e vêm passando de geração a geração. No Aru, um dos repertórios que fazem parte do mesmo ciclo do Kauyrau, existem músicas que falam de alguns pássaros e das comidas deles, a conexão com os espíritos vêm com as músicas que trazem seus fundamentos e protocolos éticos e que por isso não mudam, sendo sempre as mesmas. Essa é a forma de nós Awaete se identificar e comunicar com os espíritos. Saber cantar e se conectar com essas músicas é uma forma de se apresentar socialmente como Awaete, inspirando as novas gerações, dando esperança aos anciãos na continuidade de seus ensinamentos.





## CAPÍTULO II

CANÇÕES DOS PÁSSAROS



Há música dos pajês mais antigos sobre diversos canais espirituais, como o caminho do Apykwara, que conecta toda a espiritualidade para nós, onde o gavião real, que está ligado a nossa história de criação, é o espírito principal que junta todos os pássaros para poder cantar.

As canções dos pássaros são cantadas no momento da dieta do pajê. Apesar de diferente, a dieta alimentar dos guerreiros não está separada da escola dos cantos, ou seja, do processo de ensino e aprendizagem dos cantos dos pássaros. Esses ensinamentos vêm do mundo da música para trazer consigo energia e envolvimento. Nesse período, o pajê precisa tomar o mingau feito com base de, Jỹ, castanha do Pará, que representa o início do mundo para nós Awaete.



UYRA-JUIWI. TIME'I AWAETE, 2021



O mingau é o alimento da alma. Através da música se canta e conta história. Já a dieta dos guerreiros se restringe à bebida Kauitinga, feita à base de mandioca e milho fermentado. O espírito do papagaio é o nosso comunicador. A pessoa tradutora, comunicadora, geralmente tem a proteção do espírito do papagaio, ela passa informações, aprende outra língua mais facilmente, então ele é tradutor. E ele possui uma música própria.

As músicas dos pássaros estão em todos os tipos de cantos e danças, como nessa música de cura dos espíritos de onças, que nós Awaete chamamos de Tywa, que também tem espírito de todos os tipos de pássaros no formato de onça.



JUMATAKA'E. TIME'I AWAETE, 2021



Durante o ritual do Tywa, do qual sou pajã aprendiz, quando a gente começa a cantar aqui na terra, os espíritos já escutam lá no céu e começam a se preparar. No meio da tarde começa a se preparar e cantar, passa o dia até de noite, fica tenso e a gente pega o remédio. Mais tarde, entramos no processo de estudar a doença e trazer o espírito que nos revelará seu tipo e origem espiritual, na sequência, a gente recebe remédio e cura. Quando o espírito desce, ele traz uma mensagem geral, mas quando tem paciente ele está ali para ser curado. Inicialmente, o espírito traz uma mensagem geral, por exemplo, vamos todos nos pintar com tal grafismo, que é uma marca de todos para se proteger para não pegar doença, mas esse aqui vai ter o tratamento especial, o tywa etxak pyri yma, que a gente chama do “filho de Deus”, enquanto os outros pegam o tratamento geral. Isso depende muito da doença que a pessoa tem e que o espírito identifica e direciona o tratamento.



JERUTI. TIME'I AWAETE, 2021



## CANTOS DO TURÉ: FLAUTAS MASCULINAS

Através da música se faz a tradução do canto dos pássaros tipo esse aqui do Uarape. Uarape que é um pássaro do tamanho de um bem-te-vi, preto, com listra no peito. É um sinalizador de estações, ele avisa quando está iniciando o verão. Ele dá o sinal para o senhor da chuva, para ele voltar para o céu e para o senhor do sol descer aqui na terra. Os velhos contam que, quando ouviam esse pássaro, já sabiam que estava iniciando o verão.

“Uarape, uarape, uarape...tere...tere....”

Tere, tere, tere é tipo um refrão. Ela é um tipo de música que se canta apenas de dia. Há músicas da noite e músicas do dia. Como ela é uma música que é para trazer o verão, ela se canta de dia. Essa música se canta dentro do instrumento, Turé. Assim como chamamos os donos do cantos de Marytykaywa, os donos desses instrumentos nós chamamos de Maikwatxara, cobras pintadas. Eles trouxeram essas músicas e esse instrumento para nós, Awaete, há muitas gerações. As três cobras principais vieram da água para ensinar uma parte dos repertórios de músicas das flautas. Por isso, elas são diferentes dos outros rituais, pois canta-se dentro da flauta, levantando a flauta de uma maneira e característica específica, diferenciando-as das músicas dos demais rituais. O Turé é um instrumento que balança muito, diz-se que o vento balança o tocadador.

Ao analisar as músicas das cobras, observei que o trecho Urukuku U'u tere tere.... ao mesmo tempo que diz para matar a surucucu, umas das serpentes mais poderosas, tem também o objetivo de trazer a



serpente para o ritual. Vale a pena reforçar aqui que, ao invés de morta a serpente é recebida com grande respeito, como manda nossa cultura, recebendo o carinho e a atenção de todos no ritual, em especial dos seus puxadores, os chamados Pariara. A música em sua homenagem é cantada por dentro das flautas, fazendo toda a comunidade se pintar, cantando por toda a noite oferecendo oferendas ao espírito. São três instrumentos, utilizados em formato de pergunta e resposta. Geralmente a primeira flauta inicia a pergunta e as demais respondem.

As músicas também estão ligadas às bebidas tradicionais dos Awaete, como o kauitinga, onde ocorre o encontro com os espíritos de quem já foi, os mortos. Pois é com nossos ancestrais que está essa memória mais antiga.



“luara nei je” quer dizer, eu sou bebedor, pois o mingau para nós, Awaete, é uma bebida que marca a nossa identidade, é a bebida dos verdadeiros espíritos que te levanta. Há muitos espíritos, cada um com suas bebidas e suas comidas, e quando eles te oferecerem, tu já tem a tua própria bebida, da tua criação, da tua raiz, trazida por sua memória de conexão ancestral, que funciona como validação e reconhecimento dos espíritos durante o processo de conexão. Então, eu sou o que bebo dessa bebida sagrada, da fonte do conhecimento verdadeiro do espírito Awaete. Ela é uma bebida fermentada, preparada no início do ritual para ser tomada ao final dele. Somente depois que tomarmos toda a bebida e pularmos a Japepa, panela grande chamada Tauwa Rukaia, fechamos o ritual, onde nós, Awaete, vamos ao encontro com os espíritos dos nossos antepassados, espírito de quem já morreu.

Há músicas que são espirituais o tempo todo, mas outras são infantis, lúdicas e de aprendizado cotidiano, tipo a da arara, da preguiça, dos periquitinhos, essas músicas também se encontram em outra ocasião tipo de cura e outras para colocar criança para dormir e despertar seu envolvimento na cultura e seus ensinamentos.

Muitas das músicas têm a função de iniciação do povo nas músicas, como a música do periquitinho que traz a reflexão sobre a coletividade. Em sua maioria, essas músicas são partes de músicas maiores como a música do tatu, do quati, do mamyga.

Assim, para a seleção aqui apresentada, decidi pegar um pouco de cada, das músicas fortes, que trazem fundamentos significativos de nossa origem e princípios ancestrais, às mais livres, que chamam para expressão e envolvimento da coletividade.

Essas músicas trazem conexões com vários tipos de espírito-pássaros presentes desde o início de nossa jornada espiritual da vida



Awaete. Além de trazer parte dos ensinamentos necessários para nos apresentarmos e sermos reconhecidos por esses espíritos e assim mantermos através deles, a conexão e a identidade Awaete, com parentes e espíritos, não importa onde estivermos.



# UYRA'MUKUI KWAWI'I

(pássaro - dois - conexão)

Uyra'mukui kwawi'i (em voz fina)

Uyra'mukui kwawi'i (voz grossa)

Uyra'mukui kwawi'i (voz fina)

Uyra'mukui kwawi'i (voz grossa)

Uyra pariarera mukui kwawi 'iiii (voz normal) (refrão)

Uyra'mukui kwawi'iii (voz fina)

Uyra'mukui kwawi'i (voz grossa)

Uyra'aymera mukui kuawi'iiii (voz normal) ( refrão)

Uyra'mukui kwawi'i (voz fina)

Uyra'mukui kwawi'i (voz grossa)

Pu hei pu hei pu hei jejejeeee jauuuu



Antigamente, nós Awaete ficávamos mais em grupo de famílias espalhadas. Nós, Awaete, viemos dos pássaros, das Araras, por isso temos nossos alimentos e cantos dos pássaros, pois assim nós confiávamos e nossos mensageiros, onde estivessemos, nos comunicávamos pelos seus pajãs.

As músicas mais fortes trazem os espíritos fortes e, por isso, são de autoconhecimento. As músicas de diversão são para sentir o espírito e se expressar. Os mais velhos cantam deitados, começam a lembrar o parente lá atrás, daí outro começa a cantar, é como uma lembrança e as crianças ficam acompanhando. Cada fala deles, dos mais velhos, é um aprendizado muito grande, pois é só na fala deles que vamos encontrar os ensinamentos mais antigos. As flautas são compridas, feitas de taboca, são 4 flautas diferentes. Cada uma tem um nome:



- **MATARIKYGA OUTUWAPYUI** – principal
- **MYTERA** – do meio
- **TUWYAWA** – terceiro
- **TAYRA** – o pequenino

Elas possuem sons diferentes. São construídas pelos guerreiros que fazem dietas. Os velhos, quando estão ensinando, não dão mole não, pegam as flautas deles e vão fazer e a pessoa precisa ficar atenta à forma com que está sendo feito. Cada um faz o seu Turé. Ele corta a dele, coloca nas costas e vai embora.

Essas flautas são específicas para o gênero masculino, mas ao mesmo tempo, esse ritual não acontece sem o ritual das mulheres.





ATARIKYGA TUWAPYUI. TIME'I AWAETE, 2023





TAYRA. TIME' I AWAETE, 2023





MYTERA. TIME'I AWAETE, 2023

TIME'I AWAETE 2022



# CANTO DO ESPÍRITO DA ÁGUA: A PAJÊ MULHER

É o canto das mulheres. Esses espíritos das águas são aves, formas híbridas de peixes em formato de aves e vice e versa. A música ritual e a dança são guiadas pelo pulso mantido através da batida do cajado, comandado pela dona do ritual, Tauwywa, que a levará ao transe



TAUWARUKAIA. CARLA ROMANO E TIME'I AWAETE, 2023



espiritual. O pulso é acompanhado de canto em versos, não muito altos, com frequência e ritmo que se repetem. As mulheres são as donas do altar geral. Então, inicia o ritual da mulher e, ao mesmo tempo, o dos guerreiros, que possuem taboca, e no final, fecha o círculo no mesmo lugar, onde está a cerâmica grande, com dois metros de largura e que pulamos. Chamamos de japepa e tauwarukaia, que significa Casa dos Espíritos da Água, que são trazidos pelas mulheres pajã Awaete.

Ela fica na casa de reza, bem no meio, pois são feitas para se pular por cima, e são feitas pelas jovens mulheres guerreiras, jovens em aprendizado com as anciãs. Ao redor, fica o mingau que a gente toma antes e depois que a gente pula.

A gente faz tipo uma parceria, em alguns momentos as mulheres dançam com os homens enquanto eles tocam flautas. Elas dançam, e podem ver as flautas, mas não cantam e não tocam. Essa regra vem a partir da história do ensinamento da flauta que conta que, no início, quando os rapazes/serpentes vieram da água, eram diferentes, bonitos, enfeitados, ninguém tinha visto e as mulheres não resistiram e ficaram encantadas por eles. O responsável deles, o frenteiro da flauta pequena, tentou alertar dizendo:

“Não, não viemos para isso, cada um desses elementos, instrumentos, enfeites, tudo que está em nós, pertence ao nosso corpo e não podem ser compartilhados. São tudo cobra, essa cobra aqui, essa cobra aqui, somos todos parentes.”

Mesmo sendo todos avisados, as mulheres insistiram até que um acabou cedendo e ficaram em cima da flauta, o que era proibido. De madrugada, já acabando o ritual, no meio do seco, escutaram só o barulho da água. Uma das cobras, o dono do Turé grande, tinha levado uma das moças da aldeia. No outro dia, o frenteiro e a surucucu, levaram



mais duas. Então depois disso, nós Awaete, tivemos que intensificar as regras de abstinência sexual durante o ritual, para não perdermos a conexão com espíritos dos Turé e para não sofrermos outros tipos de retaliações dos espíritos por não respeitarmos as regras deles. Eles já não vêm mais ao vivo por conta disso. Assim, decidimos que meninos e meninas não poderiam estar juntos no ritual, especialmente no momento em que estão aprendendo a lidar com o próprio corpo.

É fundamental aprender além do nosso corpo humano, além do desejo carnal e não cometer o mesmo erro que os outros cometeram. Eles duvidaram uma vez dessa serpente, ainda na primeira aldeia feita após o contato com os não indígenas. Esses espíritos trazem farinha, carne, trazem comida para comer conosco durante o ritual, porém, quando demora muito, acaba, igual como é na nossa vida mesmo. Daí tem que trazer de novo ou caçar de novo. E tem que dançar as danças de animais que trazem fartura. No ritual também não pode faltar o mingau, a bebida principal deles.

Os guerreiros estavam sentados em cima do tronco do açazeiro, que representa, Maikwatxara, a cobra pintada da água para os Awaete, um dos donos dos ensinamentos do Turé Awaete. O organizador do ritual se distraiu e deixou faltar comida e mingau. Nisso, o espírito-cobra atacou o cachorro e só se ouviu o cachorro latir e grunir. Só o pajê percebeu que foram os espíritos que não gostaram. Passou-se uma semana para retomar o ritual outra vez.

Devido a esses acontecimentos, passamos a intensificar, cada vez mais, as regras, o que dificultou nossa prática ritual, principalmente na realidade de hoje, onde cada vez menos responsáveis e comprometidos com a cultura, os jovens acabam por ter medo da dieta. Tem muita coisa envolvida. Tem um espírito carnal, chamado de Ajumire, que é um espírito que vem através da cantoria, só que ele não vem para



cantar. Ele vem atrás das mulheres. Somente respeitando as regras estamos seguros nessas conexões de baixa luz.

As músicas das flautas tem chamamento de cobra, de jabuti, de macaco e de um bocado de coisa. Meu pai sabe um bocado e poucas pessoas sabem que, na aldeia, meu irmão mais velho também sabe um pouquinho. A primeira flauta é a principal, pois a segunda só repete o que o primeiro faz. O terceiro tem que entender o ritmo da música que os outros estão tocando, para poder aumentar e abaixar. Essas são as 3 flautas principais, sendo a quarta flauta, uma menor, utilizada apenas em algumas músicas. Cada um toca um som e vai alternando. Eu ainda não aprendi o suficiente, sei apenas a parte cantada dessas músicas.



# A MÚSICA E O POVO AWAETE



AWAETE. CARLA ROMANO E TIMEI AWAETE, 2023



Para nós, Awaete, a música é uma expressão do corpo e da alma. Organizadas a partir dos fundamentos a serem transmitidos. Os marakas, como chamamos, são uma forma de se comunicar, de estabelecer um reconhecimento no grupo e de fortalecer nossos anciãos pelos ensinamentos passados. Podemos dizer que nossas músicas são tecnologias tradicionais de transmissão de saberes, transformação social e preparação emocional para a vida além da conexão espiritual. Essa tecnologia é resultante de um conjunto de saberes que vão do canto à dança que, junto aos elementos sagrados e os conhecimentos dos pajãs, transcendem o cosmos numa grande conexão espiritual.



# KAUYRAU



Essas músicas são fundamentais na transformação dos jovens guerreiros que chamamos de Kauyrau, e guerreiras que chamamos Uanapy, que são donas do altar juntos às pajãs Awaete! Elas são um ensinamento muito antigo, muito importantes para nós Awaete, principalmente quando estamos em fase de crescimento! Nesse momento, nós sentimos alegria de mostrar para os mais velhos a cultura e o respeito com quem convivemos aqui na terra. Quando um jovem é convidado para participar no ritual de passagem, recebemos uns artesanatos que são considerados sagrados, tipo Yapema, arco,



flechas, colares de dente de macaco-prego e ossos de aves e sementes, pena de arara, diadema, algodão, rede, banco. As mulheres recebem colares e diadema. Esses cantos sagrados juntam o mundo Awaete e o de antigamente, até mesmo alguns parentes de outras etnias marcavam presença nessa troca de saberes e também participavam desse ritual de passagem.

O entendimento das músicas, pelos pajês, se dá em sonhos. Nos sonhos sempre tem música, no céu sempre tem ritual. O principal ritual dos Awaete é o Kauyrau, que tem duração de seis meses e inclui diversos outros rituais paralelos ao longo do calendário. Esses rituais são de núcleos familiares e não necessitam da presença de toda a comunidade. Há, também, rituais de benzimento por faixa etária e, nestes casos, o pajê é convidado pelas famílias que constroem a Tukaia, uma tapera com telhado de taipa, somente para esse fim. A grande beleza e desafio dos grandes rituais como o Kauyrau, é que eles necessitam do envolvimento de toda a comunidade para acontecerem, o que, nos últimos tempos, tem sido muito difícil, devido às mudanças de estilo de vida na aldeia, interferências religiosas e até mesmo à forma com que muitos não indígenas têm buscado nos apoiar, utilizando o dinheiro como forma de valor, pagando cachê para o cantor do ritual, por exemplo. Assim, acabam por reforçar a substituição de valores fundamentais para o sentido e o propósito do envolvimento necessário para que o ritual e suas conexões realmente aconteçam.

No ritual do Tywagawa, a dança é do tipo marchando para frente e para trás ou em círculos. As canções que compõem cada um deles são apresentados neste livro. Observando que este livro não pretendeu esgotar esse repertório.

Turé, Aru e Tywagawa são umas das músicas de fundamento para a preparação de nossos jovens e a passagem de ciclo de nossos



guerreiros, importante no crescimento dos jovens para se entenderem como humanos e responsáveis, uma aprendizagem pro resto da vida. Assim, nós trazemos os ensinamentos mais importantes e antigos para mostrar para os nossos filhos e netos. Há gerações em que nós, Awaete, viemos preparando guerreiros para a vida, através desses cantos sagrados. Aprendendo que, nessa vida não existe eu, só existe nós. Juntos, seres vivos, assim, estamos completos com o planeta e com tudo que tem vida.

Sem músicas e sem os ensinamentos dos mais velhos, nós, Awaete, não ficamos bem. Ficamos sem responsabilidade, sem respeito e os espíritos começam a assombrar a nós e a todos os ensinamentos que são do equilíbrio e das nossas conexões.



YAPEIMA. TIME'I AWAETE, 2023



Sem nossos cantos, nós, Awaete, não somos nada. Por estarem ligadas aos espíritos das águas, essas músicas podem ser cantadas em qualquer lugar, menos na beira do rio, principalmente a músicas do Aru e algumas músicas do pajê, já que existe também as que podem ser cantadas na beira do rio.

Dentro do conjunto de cantos e contos do Kauyrau, há os destinados ao Aru. Ele fica na terra e seu ritmo é associado à frequência espiritual do sapo. A dança é uma conexão com o espírito. Quando o espírito está chegando, as pessoas escutam sua frequência através da música.

Há, também, as canções dos pássaros e até as canções das comidas dos pássaros, como por exemplo, a canção do murici brabo, que é a energia que alimenta o pássaro. O macaco bugio, o jacamim, a onça, o papagaio, a arara e o sapo, todos eles são animais relacionados com esses rituais que compõem o Kaurau, e cada um deles tem sua própria música e dança. Porém, os animais tomam à frente os ritmos em cada ritual específico. No caso da dança do Aru, o sapo é que tem o ritmo da música e a dança é do tipo “siri”, dançando-se na lateral em movimento de ida e vinda.



# HISTÓRIA DO SAPO: SURGIMENTO DA MÚSICA ARU



ARU. CARLA ROMANO E TIME'I AWAETE, 2023

Há muito tempo atrás, surgiu um sapo chamado Aru. Aru é o sapo da lagoa! Então, esse sapo começou a invadir a casa dos marimbondos para apagar o fogo deles. Antigamente todos os seres eram como humanos, até os marimbondos e os sapos!

Os marimbondos viviam felizes com sua etnia, até que, certo dia, uma coisa estranha começou a acontecer com o fogo que nunca pode apagar de noite. O sapo começou a apagar o fogo dos marimbondos para eles ficarem com medo.



Na primeira e na segunda tentativa deu certo, já na terceira os marimbondos se reuniram e planejaram como pegar quem estava apagando o fogo toda noite! E pegaram o sapo! Os marimbondos tentaram matar o sapo!

Mesmo sabendo que naquele momento estava correndo um grande risco de vida, muito tenso, ele começou a cantar:

Jarika'kaje (procurar) ajerame peê (é verdade mesmo?)

Tapyia (indígena de outra etnia) txajuka (vamos matar)

Peje (vamos) jererakau (vocês estão falando assim) upa (pra mim)

Awamu (É o seguinte) tipe (você) nui (esqueceram)

Jeruy (Meu sangue) peri (vai ficar) penerukara (terreiro)  
pujekau i (assombrado)

Il na tapyia (Assim que Tapuya tá falando)

Toda vez que o sapo parava de cantar, ele perguntava aos marimbondos:

“Vocês ouviram, pessoal?”

E os marimbondos se perguntavam:

“O que que esse tapyia está falando, pessoal?”

E o sapo respondia:

“É o seguinte, eu tenho uma ideia boa! Se vocês estão pensando em me matar mesmo, eu sugiro que vocês me matem bem na beira do terreiro de vocês. Por que se me matarem aqui, meu sangue vai ficar assombrando vocês aqui! Lá, vai ficar de boa!

E todos os marimbondos concordaram com o sapo.



Chegando lá, na beira do terreiro, o sapo fez a pergunta de novo:

“É o seguinte pessoal, eu tenho mais uma ideia boa!

E todos os marimbondos perguntaram:

“O que esse tapyia quer?

E o sapo começou a falar:

“Então, pessoal, aqui meu sangue vai ficar assombrando também. Sugiro bem na beira do lago! Porque lá vocês não vão ter trabalho de limpar meu sangue, é só lavar. O que acham? Perguntou o sapo aos marimbondos.

Mais uma vez, os marimbondos concordaram com o sapo.

Chegando na beira do lago, o sapo para de cantar e fala com os marimbondos pela última vez:

“Então, pessoal, é o seguinte, se vocês me matarem aqui na beira do lago, mesmo que vocês lavem, meu sangue ainda vai assombrar vocês, certo?” Falou o sapo.

E os marimbondos responderam que era verdade! Então o sapo começou a andar e entrou na água e falou pras filhas dos marimbondos:

“Se afastem um pouco mais de mim, pois as flechas dos pais de vocês podem feri-las.” Então, o sapo afundou e, horas depois, mostrou só as mãos para fora d’água e os marimbondos flecharam só as mãos do sapo. Até hoje, esse sapo não tem mais pele na mão e nunca mais andou apagando fogo dos marimbondos. E, até hoje, os marimbondos, com raiva de ter deixado o sapo fugir, fazem suas casas na beira do lago na esperança de um dia recapturá-lo.

Essa música do sapo vem para nos ensinar como sair do problema, mesmo sabendo que há poucas chances. É um ensinamento praticado



até hoje na preparação dos jovens guerreiros e guerreiras Awaete! E nós, Awaete, chamamos esse sapo de Aru e chamamos de Aru o ritual que vem a partir do conhecimento de sobrevivência dele.



KAWA. CARLA ROMANO E TIME'I AWAETE, 2023



# TYWAGAWA: ORIGEM DAS MÚSICAS DE CRÍTICA NA ÉTICA AWAETE



TYWAGAWA. TIME'I AWAETE, 2022

O Tywagawa é um dos principais rituais de passagem para os jovens Awaete para poderem se reconhecer como um dos guardiões das nossas conexões espirituais, cultura e equilíbrio com a vida onde nós vivemos e com quem convivemos. Até porque, são esses animais que trazem as músicas e ensinamentos de cura, respeito, união e harmonia entre nós humanos e outros seres vivos da terra.



O Tywagawa foi praticado intensamente há muito tempo atrás, quando um menino foi encontrado depois de anos! Antes de desaparecer, esse menino estava sem pai e estava sendo criado pela mãe e um padrasto! Certo dia, ele estava comendo batata assada. Comendo demais, sem deixar nada para o, até então, seu pai, que estava caçando! Sua mãe resolveu contar a verdadeira história de sua vida, revelando que seu pai verdadeiro havia morrido e que aquele era seu padrasto! Outras pessoas, também, não gostavam muito do menino. Triste e sozinho, o menino resolveu fugir para não ter que dormir com quem não se importava com ele. Assim, ele fugiu com a idade de, mais ou menos, 7 ou 8 anos! Mesmo fora da aldeia, ele nunca deixou de estar presente nos rituais. Como antigamente não tinha como ver direito, ele ficava sempre na última fila com os mais velhos.

Então, ele cresceu e ficou diferente dos parentes dele! Com cabelo grande e cocar! Até que, certo dia, era janeiro, época do milho, e esse menino, que já era grande, estava comendo o milho que estava sendo separado para o ritual do milho! Vendo que estava faltando milho, o pessoal da aldeia resolveu pegar quem estava comendo todo o milho do ritual. E foram ficar na tocaia, esperando quem estava roubando milho! Então, quando veio o cair da tarde, eles viram o menino que não era mais pequeno, já era um homem adulto, e não o reconheceram. Pegaram ele e perguntaram quem ele era! Então ele respondeu que o nome dele era Awapey!

Eles trouxeram ele para a aldeia dizendo que era inimigo! Que era o cara que tinha matado o menino que tinha fugido da aldeia. Então, chegando na aldeia, ele fez uma proposta com o pessoal. Se ele não soubesse as músicas do povo ou ficasse fraco de tanto cantar eles poderiam matá-lo!



Assim, ele começou a cantar e ficou durante quatro dias, direto, sem descansar e cantando sem parar! Ele já estava ficando fraco de sono e vontade de parar. Toda vez que cantava, esse rapaz via familiares dele, e dizia: “Porque vocês não me reconhecem? Você é meu tio, mas você não me reconhece!”

De tanto ele cantar assim, isso ficou na cabeça do tio dele! E o tio começou a pensar: “Eu acho que é aquele menino que sumiu. Porque ele conhece todas nossas músicas e conhece a gente.” Assim, o tio resolveu ir na casa da irmã para contar o que tinha acontecido na aldeia e que um suposto estranho conhecia todas as músicas e conhecia familiares deles.

Então, a tia foi lá conferir. Chegando lá, o rapaz viu a tia e começou a cantar porque a própria tia dele não estava reconhecendo ele. Logo ela percebeu que era o sobrinho dela e pediu pro pessoal levá-la até o desconhecido. A tia chegou perto, tirou o cocar que o rapaz tinha colocado para não ser reconhecido. Logo ela o reconheceu e brigou com o pessoal da aldeia, que eles nunca tinham valorizado ele, por isso que estavam tentando matá-lo. E levou o sobrinho.

Então, desde esse acontecimento, as músicas mudaram por ali, naquele momento se criou a importância da crítica sobre relações com quem se quer conviver. As músicas trazem a manifestação sobre a vida em equilíbrio e harmonia entre nós. Como podemos sempre melhorar. E assim, essas mudanças foram aprovadas pelos Pajãs do nosso povo e foram realizadas, sendo até hoje ensinamento fundamental para nós, Awaete! Assim, os Awaete vêm praticando, desde muito tempo, esses e outros ensinamentos de grande importância na vida dos adolescentes e adultos...



Aru e Tywagawa acontecem ao mesmo tempo, e são ligados aos espíritos da água, junto com as mulheres.

Embora preocupado com a apropriação cultural e o assédio do Yakrakyga em relação a nossa cultura e espiritualidade, pensando em despertar a importância de nossos conhecimentos e práticas, principalmente entre nossos jovens, tenho dialogado com professores do departamento de Música e Etnomusicologia da UFPA, como a professora Líliam e o professor Saulo, que têm me ajudado no estudo, em especial de identificação das notas de determinadas músicas nossas e seus elementos necessários para sua contextualização em diversos tipos de instrumentos, como violão, piano, entre outros. As classificações aqui apresentadas foram construídas com o objetivo de uso e fortalecimento interno para nós, Awaete, e não devem ser utilizadas por nenhum fim que não seja esse, seja comercial ou não.

Através do canto é gerada a frequência espiritual relacionada com a água. No canto dela tem vários animais da água, pois, no fundo do rio há uma aldeia na qual esses animais realizam tudo o que se faz na aldeia da terra: comem, dançam etc. As mulheres possuem seu próprio ritual, com 3 ou 4 tipos de danças e músicas diferentes. É a festa da pajã mulher que, na atualidade, é guiada pela minha mãe, matriarca da aldeia em relação à espiritualidade.

O pajã homem tem música cantada no céu. Quando o pajã dorme, ele voa para a casa sagrada, onde Maíra deixou como ponto de referência para todos os Pajãs serem guiados pelos espíritos dos que já se foram. É uma forma de confirmação de que se está no caminho certo, no céu, em outros planos espirituais, de onde vêm as histórias antigas que os pajãs devem trazer para seu povo através das músicas. Nesses tempos antigos, surgiram o cigarro, o maracá e outros elementos importantes para o pajã. Essa é a história que o pajã canta.



Esses cantos podem trazer, também, os espíritos dos animais da terra, como o Arapuíá (veado) e o Tywa (onça). Esses grandes pajês são tipo Deuses, quando eles vão para o encanto, deixam suas ferramentas (cigarro, facão, machadinha, maracá, sementes do maracá, pedra para amolar machadinha) para serem distribuídas entre a comunidade. Os pajês trazem músicas dos sonhos que mudam e outras que não. Nós temos diversos tipos de pajês, referentes a animais e espíritos diferentes, e até um que se conecta com todos ao mesmo tempo. Cada um deles tem um repertório que pode ser de cura, de alegria, de fartura, solene e, ao mesmo tempo, de diversão.

## ALGUNS PONTOS IMPORTANTES SOBRE OS CANTOS/DANÇAS

A palavra Maraka, diferente do uso comum, para nós, não se refere a um instrumento, e sim à música, canto. Marityka é o tipo de canto, cantado com ou sem pajê, mas sempre com sua mediação. O conjunto de cantos apresentados nesse livro é chamado Marakapera, que significa ‘música antiga utilizada em rituais’.

Maritykaywa é o conhecedor de cantos e danças, uma categoria social bem próxima a dos pajês, uma vez que seus cantos e conhecimentos têm grande importância para trazer os espíritos para os rituais, em especial nos de aprendizagem dos guerreiros, onde trazem Tywagamaia (cobra guiadora dos guerreiros) e as cobras do Turé, que são Maykwatxara. Os cantos apresentados neste livro correspondem a uma pequena parte do imenso repertório Awaete, referente aos pássaros, observando que, neste livro, estão sendo apresentados apenas cantos de pássaros do dia.

Os cantos possuem motivos e melodias com relação entre eles e correspondem a um conjunto de cantos e danças, num estilo que



consiste em uma sequência de movimentos de mesmo tom, mas variando no ritmo, como recentemente descobri que os europeus, alemães e franceses chamam de “suíte” para classificarem suas músicas.

O conjunto de cantos de pássaro percorre diversos rituais vinculados ao Ritual do Kauyrau, constituindo um corpo de repertório que tem aspectos em comum. Um deles é a relação de compartilhamento de motivos e melodias entre os cantos, deixando clara a conexão entre todos eles, além de sua construção e demais pontos elencados abaixo.

## QUANTO À ESTRUTURA DOS CANTOS/DANÇAS

Sinalização do espírito que está sendo evocado naquela música – em algumas músicas ocorrem e em outras, não;

Parte A – abertura (que pode ter a forma de voz grossa e voz fina, segundo classificação de Time’i, o que corresponde à forma de pergunta e resposta)

Parte B – Refrão

Parte A – Sinalização do espírito que está sendo evocado naquela música (Jaú).

É importante observar que existem vários refrões que podem ser utilizados em uma mesma música, e isso depende do estilo do Maritykaywa que o determina, no momento da performance musical. Da mesma forma, existem vários tipos de sinalizações, e isso depende tanto do Marity Kaywa quanto da música e o espírito o qual ela evoca.



## QUANTO À ORGANIZAÇÃO DO RÍTMO

O pulso mantido pela batida dos pés foi evidenciado na transcrição, ora como unidade mínima, ora como padrão de pulso agregando unidades mínimas. Ocorre acentuação em determinadas palavras e finalizações de frases, conforme marcação da coreografia, a dança e o balanço do corpo fazem parte da música. Desta forma, a melodia é subordinada ao texto e, nos refrões, algumas vezes a construção da melodia se destaca pela repetição de uma nota, em forma de canto-falado, com padrão de sílaba para cada nota. É possível observar a presença de sons figurativos, que recentemente descobri que Yarakya, chama 'onomatopeicos', que, para nós, são as vozes dos espíritos dos animais que atuam em nosso contexto musical, guiando acentuação específica no canto.

## QUANTO À SONORIDADE GERAL

**Quanto à disposição das notas e sua harmonia a uma determinada voz ou a um dado instrumento, chamado pelos Yarakya tessitura (sonoridade geral):**

Cantadas em único som (uníssono), por vezes, com conjunto de sons diferentes (heterofonia). Como é possível observar na escuta das músicas com todas as vozes juntas, das aprendizes e pajãs, a equipe ritual.

Nossas músicas são organizadas em repertórios associados aos rituais e espíritos a serem conectados. Nesta primeira etapa de documentação iniciamos os registros por algumas músicas simbólicas dos repertórios iniciando com uma música específica cantada por dois tipos de espírito de **Pajã**, seguido por músicas do **Tywagawa** e seus donos **Kauyrau**, depois pelo **Ararawera** e finalizando com **Kauara**.



As músicas do Kauyrau e Ararawera podem ser cantadas em qualquer lugar, a maioria não pode na beira do rio, pois esses cantos são ligados aos espíritos das águas. Esses cantos são utilizados até hoje e são fundamentais para o crescimento dos jovens, para se entenderem como humanos e responsáveis, com aprendizagem pro resto da vida. Já as de pajã e do Kauara somente devem ser cantadas em rituais com apoio espiritual para a conexão.

Assim, nós Awaete, trazemos ensinamentos mais importantes e antigos para mostrar para os nossos filhos e netos e, assim, nós Awaete, vínhamos preparando guerreiros para a vida, através desses cantos sagrados. Aprendendo, também, que nessa vida não existe o eu apenas, existimos nós juntos, todos os seres vivos, somente assim ficamos completos com o planeta e com tudo que tem vida.

Por isso, o etnocídio é tão preocupante para nós, pois sem nossa vida cotidiana, alimentação, rituais, as músicas e os ensinamentos dos mais velhos, nós Awaete não ficamos bem, pois não se tem mais responsabilidade e nem respeito e os espíritos começam a cobrar, e a falta dos ensinamentos desequilibra as nossas conexões.

Algumas canções são acompanhadas por Yapu, chamada maracá, porém, para nós ele é um instrumento muito sagrado e não pode ser tocado em qualquer lugar e nem por qualquer um, somente pajã. Não é apenas som.





# CAPÍTULO III

**CANÇÕES:  
LETRAS E TRANSCRIÇÕES**



# AJURU (CANÇÃO DE PAJÊ)

PAPAGAIO COMUNICADOR  
ENTRE DOIS MUNDOS



AJURUJUWI. TIME' I AWAETE, 2023



# AJURU

## Música do PAJË TYWAYWA (onça)

Ajuru Paya Tejeneka

Ajuru Paya Tejeneka

Ajuru Puya Tejeneka

## E Petyma Ei Jane Rupi Petyma Ei

Ajuru Paya Tejeneka

Ajuru Paya Tejeneka

Ajuru Paya Tejeneka



# AJURU

Música do PAJĚ ARAPUAYWA (veado)

**Ajuru Paya Tejeneka**

**Mera Mera Me Mera Mera Mera Me**

**Ei Jane Rupi Kauri Ei Ajuru Paya Tejeneka**

**Mera Mera Me Mera Mera Me Mera Mera Me**

**Me e Me Me Me Me**



# MAIKYRYJA

## (CANÇÃO DO TYWAGAWA/KAUYRAU)

### CANÇÃO DO GUARIBA



MAJAY. CARLA ROMANO E TIME'I AWAETE, 2023



Essa música significa o resgate de um rapaz que teve um trauma com a perda do pai, pois, ele perdeu o pai, então ele perdeu a música. Ele era também macaco guariba. Ele foi perguntando por todos os macacos que existem, inclusive preguiça, até chegar no parente dele, o bugio, que é vermelho, que não perdeu o conhecimento dos cantos.

A língua e o canto deles são diferentes uns dos outros. Ele andou alguns dias e meses para encontrar o tio dele. Então ele foi cantando até chegar na música que ele queria. Eles choraram muito e resgataram a música deles. Essa música nos fala para a gente não parar de andar, não parar de tentar e cantar.

Significa que ele está de luto e busca aprender o que ele perdeu há muito tempo, o canto que eles não estão praticando há muito tempo. Sendo assim, os irmãos bugio preto também fizeram uma viagem até a casa de seu tio, o bugio vermelho, último conhecedor dos cantos, para poderem, também, resgatar o que eles tinham esquecido. Muitos dos cantos vêm da conexão com os animais e os espíritos. Histórias dos antigos de como eram antes dos humanos chegarem aonde estamos hoje e que antes eram esses animais. Essa música traz para os awaete a mensagem de nunca deixar de ter esperança e sempre continuar na busca do que é verdadeiro.



# MAIKYRYJA

**“Maikyryja Maikyryja ryja ryja ryja ryja ryja  
(eu venho de lá)**

**A myarape (Qual)  
ejuwiawa (dos seus pais)  
ere aup ejuwa kui (você está sonhando?)  
Awa mu tipe nui (É só mesmo um sonho)  
Jarakatia re'e (Mamão brabo)  
Uara maepera (Aquele que caiu)  
Aup tejuwa ei (Estou sonhando com ele)  
Eywu'ui jenupy eywu'ui jenupy ei  
(Eu sempre levo peia quando sonho)”**



**Maikyryja Maikyryja ryja ryja ryja ryja ryja  
Maikyryja Maikyryja ryja ryja ryja ryja ryja  
Maikyryja Maikyryja ryja ryja ryja ryja ryja  
Maikyryja Maikyryja ryja ryja ryja ryja ryja**

**A myarape ejuwiawa ere aup ejuwa kuî  
Awa mu tipe nui Jarakatia re'e  
Uara maepera**

**Aup tejuwa ei  
Eywu'ui jenupy  
Eywu'ui jenupy ei**

**Maikyryja Maikyryja  
ryja ryja ryja ryja ryja  
Maikyryja Maikyryja  
ryja ryja ryja ryja ryja  
Maikyryja Maikyryja  
ryja ryja ryja ryja ryja  
Maikyryja Maikyryja  
ryja ryja ryja ryja ryja**



***Eywu'ui jenupy eywu'ui ei***

***Maikyryja Maikyryja  
ryja ryja ryja ryja ryja  
Maikyryja Maikyryja  
ryja ryja ryja ryja ryja  
Maikyryja Maikyryja  
ryja ryja ryja ryja ryja  
Maikyryja Maikyryja  
ryja ryja ryja ryja ryja***

***A myarape ejuwiawa ere aup ejuwa kuî***

***Awa mu tipe nui Jarakatia re'e***

***Uara maepera***

***Aup tejuwa ei***

***Eywu'ui jenupy***

***Eywu'ui jenupy ei***



**Maikyryja Maikyryja  
ryja ryja ryja ryja ryja  
Maikyryja Maikyryja  
ryja ryja ryja ryja ryja  
Maikyryja Maikyryja  
ryja ryja ryja ryja ryja  
Maikyryja Maikyryja  
ryja ryja ryja ryja ryja**

**Jauuuuu”**



# PINUWA

## (CANÇÃO DO TYWAGAWA/KAUYRAU)

CANÇÃO DO BACABA,  
ÁRVORE SURGIDA NA ÉPOCA DA CRIAÇÃO,  
QUE SALVOU A VIDA DE UAJARE.



PINUWA UYRAYGA. TIMEI'AWAETE, 2023

Pinuwa é uma árvore que é um tipo de palmeira. Na história do Uajare, ela o levou até o céu, salvou os pássaros e ele também. Então, a gente traz as músicas para lembrar. Nessa música, a gente fala do pássaro Jacamim que se alimenta dessa planta e a gente se alimenta também. Açaí a gente não tomava, mas bacaba a gente tomava tradicionalmente.



# PINUWA

*“E pinu-pinu wa, pinu pinuwa  
E pinu pinu wa, pinu pinuwa  
E pinu pinu wa, pinu pinuwa*

*Uerujemuwe uyraik iuyripe  
Uerujemuwe uyraik iuyripe*

*Taweramu ka’ape uerujemuymaue ripe*

*Pinu pinu wa pinu pinuwa  
E pinu pinu wa pinu pinuwa  
E pinu pinu wa pinu pinuwa*

*Jauuuu”*



# PINUWA

*“E pinu-pinu’wa, e pinu pinu wa  
pinu pinu wa, e pinu pinu wa  
pinu pinu wa, e pinu pinu wa*

*Uerujemuwe uyraik iuyripe,  
Uerujemuwe uyraik iuyripe*

*Taweramu ka’ape wene Uerujemuym aueripe*

*Pinu pinu wa E pinu pinu wa  
pinu pinu wa E pinu pinu wa  
pinu pinu wa E pinu pinu wa*



***Uerujemuwe uyraik iuyripe,  
Uerujemuwe uyraik iuyripe***

***Taweramu ka'ape wene***

***Uerujemuym aueripe***

***E Pinu pinu wa e pinu pinu wa  
Pinu pinu wa E pinu pinu wa***

***Jauuuu”***



# YRYWAJA

## (CANÇÃO DO TYWAGAWA/KAUYRAU)

### CANÇÃO DA MARITACA E SEU PRIMO, PERTECENTE AO ARU

Essa música reforça que tem um monte de ilusão perto dele, mas ele não mexe e segue em frente, sem se distrair por nada.

As músicas do Aru falam dos muitos desejos que existem no mundo e que, apesar de sermos descendentes dos pássaros, não devemos ser como o periquito que se acomoda no conforto de árvores de frutos abundantes. Devemos, sim, aproveitar a fartura, sem esquecermos de que, no mundo, existem diversas oportunidades de experiência e aprendizagem com diversos seres vivos na Terra. No crescimento dos jovens Awaete é muito importante aprender que nem tudo que aparece na vida, por mais atraente que pareça, deve se conviver ou tocar.

Essa música vem sendo praticada desde muito tempo atrás, pelos mais velhos, até hoje para nos entendermos como humanos completos em harmonia com a diversidade dos seres vivos que convivemos.

***“Epyta (ficar ou para) ure (nos)  
ui yrywaja (periquito) eta (muito)  
Ujeype (tem vários tipos de coisas na frente)”***



# EPYTA URE UI

## (CANÇÃO DO TYWAGAWA/KAUYRAU)

### CANÇÃO DA MARITACA, PERTECENTE AO ARU



TIU JUWA. TIMEI AWAETE, 2023

Epyta significa parar, e Yrywaja é um pássaro. No momento da preparação do guerreiro, as pessoas jovens não podem ouvir essa música sem estar fazendo a dieta específica desse ritual, que é o consumo do mingau, dentre outras coisas, se não podem não crescer. Essa música nos fala que não podemos parar.



# EPYTA URE UI

*“Epyta epyta ure ui  
yrywaja eta yrywaja eta eta  
Epyta epyta ure ui  
yrywaja eta yrywaja eta eta*

*Ujeype ype katu maua ijý jeruwawu*

*Epyta epyta ure ui  
yrywaja eta yrywaja eta eta  
Epyta epyta ure ui  
yrywaja eta yrywaja eta eta*

*Ujeype ype katu pyrepyryb ka jeruwau*



*Epyta Epyta ure ui  
yrywaja eta yrywaja eta eta  
Epyta epyta ure ui  
yrywaja eta yrywaja eta eta  
Epyta epyta ure ui  
yrywaja eta yrywaja eta eta*

*Ujeype ype katu maua ijý jeruwawu*

*Epyta epyta ure ui  
yrywaja eta yrywaja eta eta  
Epyta epyta ure ui  
yrywaja eta yrywaja eta eta*

*Ujeype ype katu pyrepyryb ka jeruwau*

*Epyta Epyta ure ui  
yrywaja eta yrywaja eta eta”*



# EPYTA IPANETA GY'JEWERA (CANÇÃO DO TYWAGAWA/KAUYRAU)

CANÇÃO DO PRIMO DA MARITACA,  
PERTECENTE AO ARU



São primos, porque a música é parecida. Ipaneta gy'jewera é a mesma coisa que se iludir. Quando te convidam para algo, mas você sabe que tem que seguir em frente.



# EPYTA URE UI

*“Epyta Ipaneta gy’jewera  
kaweamu niaka  
kauareripe re’a*

*Epyta ipaneta gy’jewera  
kaweamu niaka  
kauareripe re’a*

*Epyta ipaneta gy’jewera  
kaweamu niaka  
kauareripe re’a*

*Ujeype ype katu  
jururemy k jeruwawu*

*Epyta ipaneta gy’jewera  
kaweamu niaka  
kauareripe re’a*



***Epyta ipaneta gy'jewera  
kaweamu niaka  
kauareripe re'a***

***Epyta ipaneta gy'jewera  
kaweamu niaka  
Kauareripe re'a***

***Jauuuu''***



# ARAUY NU'NU

## (CANÇÃO DO TYWAGAWA/KAUYRAU)

CANÇÃO DA PENA DA ARARA NO COCAR.  
AUXILIA A ENXERGAR ALÉM DA MATÉRIA.  
PERTECENTE AO ARU

“Arauy’nu’nu (arauy = diadema )  
(nu’nu = dançando)  
Iraipa (olha só) temaraka (minha música).”



JAKYWYTA. TIME'I AWAETE, 2023



Essa música tem muita importância pra nós, Awaete! Através dela, começamos a saber um pouco mais sobre o Jakywita ou Arauy e os espíritos da água junto aos seres vivos na Terra. Durante o crescimento dos jovens Awaete, é muito importante eles aprenderem que os espíritos das águas são gente como nós e que nessa vida tudo tem troca, é bom sempre manter a união e o equilíbrio das leis da natureza.

Arauy é aquilo que fica na nossa cabeça, um adorno de cabeça. A gente dança e coloca na cabeça. O tempo todo se trabalha a parte de desejos, porque a gente tá sem comer, a gente tá sem fazer várias coisas. Então, no momento de cantar a música, que desejo que a gente poderia ter agora? A gente quer correr, quer brincar, principalmente crianças de 8 a 10 anos que não querem parar quietas. Então, é uma mensagem e, ao mesmo tempo, é para aprender que na vida não é só assim.



URUYWA. TIME'I AWAETE, 2023



Essa música é dança tipo dança de siri, pra lá e pra cá. Os Guerreiros ficam com as Guerreiras que também estão fazendo dieta. Existem as Uanapy e Murawi, que são as duas aprendizes centrais, Uanapy'ywa e Murawy'ywa, o termo Ywa. adicionado ao nome de sua posição no ritual, reforça sua importância como exemplo para a comunidade. Na criação, esses são os espíritos dos filhos da Garça. Na época, eles casaram um com o outro e, por isso, subiram para cima.

Quando a pajê é mulher, só tem aprendizes mulheres, Uyratime e Murawi. As mulheres que conduzem esses pequenos rituais do grande Kauyrau. Elas fazem cura nos homens, arranham com dente de cotia, esfregam com folha de urucum e passam jenipapo com breu queimado para segurar e não infeccionar e nem sangrar. Fazem isso para tirar sangue e amadurecer e tirar o sangue ruim. O arranho para nós é uma prova de bravura. O meu avô, que já matou outra pessoa, se arranha todo, o corpo todo e não pode gritar e fazer careta. Os aprendizes arranham apenas a mão. Há a coreografia correta. No Kauyrau, arranha-se para tirar o sangue novo, e no Muruaka, é para tirar o sangue do inimigo. Se não fizer esse ritual, coisas ruins acontecem, então tem que tirar esse sangue do nosso corpo. É uma passagem de guerreiro. Nessa hora, as mulheres cantam as músicas deles.





CARLA ROMANO  
TIME'I AWAETE/2023

JENIPAWA. CARLA ROMANO E TIME'I AWAETE, 2023



# ARAUY'NU'NU

*“Arauy’nu’nu*

*Arauy’nu’nu*

*Arauy’nu’nu*

*Arauy’nu’nu*

*Arauy’nu’nu*

*Arauy’nu’nu*

*Arauy’nu’nu*

*Arauy’nu’nu*

*Irapa temaraka*

*Irapa temaraka*

*Arauy’nu’nu*

*Arauy’nu’nu*

*Arauy’nu’nu*

*Arauy’nu’nu*

*Ujeype ype katu*

*pyrepyryk jeruwawu*



***Arauy'nu'nu***

***Arauy'nu'nu***

***Arauy'nu'nu***

***Arauy'nu'nu***

***Arauy'nu'nu***

***Arauy'nu'nu***

***Arauy'nu'nu***

***Arauy'nu'nu***

***Ujeype ype katu***  
***jururemyk jeruwau***

***Arauy'nu'nu***

***Arauy'nu'nu***

***Arauy'nu'nu***

***Arauy'nu'nu***

***Irapa temaraka***

***Irapa temaraka***



***Arauy'nu'nu***

***Arauy'nu'nu***

***Arauy'nu'nu***

***Arauy'nu'nu***

***Arauy'nu'nu***

***Arauy'nu'nu***

***Arauy'nu'nu***

***Arauy'nu'nu***

***Jauuuuu”***



# ARAUY'NU'NU

*“Arauy’nu’nu Arauy’nu’nu  
Arauy’nu’nu Arauy’nu’nu  
Arauy’nu’nu Arauy’nu’nu  
Arauy’nu’nu Arauy’nu’nu*

*Irapa temaraka Irapa temaraka*

*Arauy’nu’nu Arauy’nu’nu  
Arauy’nu’nu Arauy’nu’nu*

*Ujeype ype katu pyrepyryk jeruwawu*

*Arauy’nu’nu Arauy’nu’nu  
Arauy’nu’nu Arauy’nu’nu  
Arauy’nu’nu Arauy’nu’nu  
Arauy’nu’nu Arauy’nu’nu*

*Ujeype ype katu jururemyk jeruwau*



***Arauy'nu'nu Arauy'nu'nu  
Arauy'nu'nu Arauy'nu'nu***

***Irapa temaraka Irapa temaraka***

***Arauy'nu'nu Arauy'nu'nu  
Arauy'nu'nu Arauy'nu'nu  
Arauy'nu'nu Arauy'nu'nu***

***Jauuuuu''***



# MARYNIJAPE (CANÇÃO DO TYWAGAWA/KAUYRAU)



MYTU-KAIRAWU. CARLA ROMANO E TIME'I AWAETE, 2023



Esta música está questionando o reconhecimento pessoal e interpessoal, a partir da história de um personagem chamado Awapey. Era uma criança, cuja mãe havia morrido e sua avó lhe criou. Porém, a avó nunca revelou a verdade para ele. Certo dia, ficou sabendo da verdadeira história de sua mãe, através de fofocas de parentes, ele descobriu quando tinha 9 ou 10 anos de idade. Então, resolveu ir embora e ficou morando por perto, apesar de ninguém, nunca, ter descoberto sua moradia. Mesmo morando fora, frequentava os rituais, danças, tomava mingau e aprendeu todos os cantos de forma profunda. Ele não dizia onde estava e foi crescendo, crescendo, e seu cabelo também cresceu muito. Certa vez, já na época do milho, ele já estava velho. Então, comeu milho que estava reservado para os rituais. Os homens resolveram, então, descobrir quem estava comendo o milho dos rituais e fizeram armadilha para pegá-lo pela noite, num luar grande. Até que viram que pegaram ele.

Levaram-no para a aldeia e o acusaram de ter matado a criança que havia sumido. Ele os desafiou dizendo que poderiam matá-lo caso ele errasse as músicas, mas ele sabia todas as canções. Ele perguntava por que os parentes não o estavam reconhecendo. Essa música busca um entendimento da importância de cada um de nós. Traz uma reflexão, de nós mesmos com os outros. Qualquer pessoa pode cantar essa música, ela é aberta para ser cantada no momento que a pessoa sentir necessidade de apaziguar seus próprios sentimentos e os de seus desafetos. Pode ser cantada num momento mais intimista e individual. A música vai ter efeito na cabeça das pessoas que estão magoando ou ofendendo o cantor. É uma música da criação, ensinamento de Maíra, cantada há várias gerações. Faz parte do equilíbrio do mundo cósmico e, no caso de perda dessas músicas por falta de transmissão ou por falecimento de anciãos, o pajã pode ir no outro mundo, que



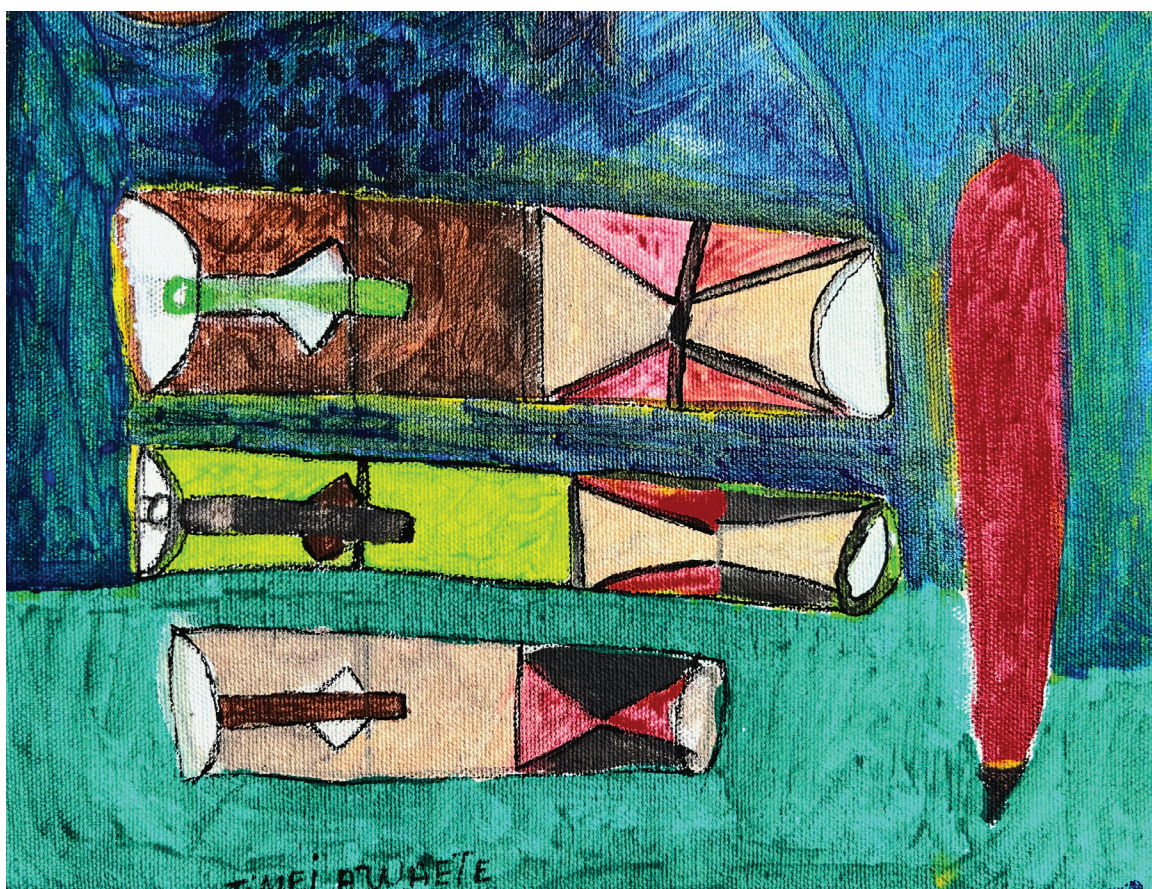
chamamos **Ywaka**, se encontrar com os que já partiram e trazer as músicas perdidas de volta. Há outros mundos espirituais coligados com o tipo de conhecimento que a pessoa deseja acessar, bem como do tipo de animal espiritual. No caminho para os mundos espirituais, é necessário passar por vários perigos, pelo jacaré, pelo caminho de **Tywaruma**, o caminho da onça, onde nós, jovens pajês aprendizes awaerte, temos de passar. O jacaré manda correr, a garça coloca dentro do Pyrywytiga (cofo) e se transforma em peixe, daí o jacaré não acha a gente dentro do rio. De noite, canta-se uma música, e que promove o aprendizado do canto. No mundo espiritual, **Ywaka**, o céu, há dois pássaros que cantam músicas maravilhosas. Quando o pajê escuta direito, ele adquire grande conhecimento musical, no mundo espiritual, paralelo a este aqui.



# ERE TY TYRYRY

## (CANÇÃO DO TYWAGAWA/KAUYRAU)

### CANÇÃO DO PAPAGAIO PEQUENO



TURYWA. TIME'I AWAETE, 2023



# ERE TY TYRYRY

*“Ere ty tyryry*

*Ere ty tyryry*

*Ere ty tyryry*

*Ere ty tyryry*

*Pemana mana arejamuia arejeipa tyike awa  
imanaura tyike awaymyrura*

*Ere ty tyryry*

*Ere ty tyryry*

*Tyike awa imatura tyike awa ymyrura*

*Ere ty tyryry*

*Ere ty tyryry*

*Ere ty tyryry*

*Ere ty tyryry*

*Jauuuuu”*



# U MARYMUTARAMU (CANÇÃO DO TYWAGAWA/KAUYRAU)

CANÇÃO DE AVISO AOS  
MOAKARA, GUERREIROS



É um aviso para os Moakara, guerreiros que estão se preparando para novas batalhas, os quais chamamos de pai, avô dentro do ritual, como uma referência familiar. Ele pode se sacrificar pelo povo, e a maioria realmente fazia isso. Como teu inimigo te chamou na hora que tu flechou ele? Esse vai ser o seu nome, o nome do grito do inimigo, pois está provando que está defendendo o seu povo, da bravura dele.



# U MARYMUTARAMU

*“(...) Pra você meu avô,  
Pra você meu pai (...)”*

*“Mairu jeje jeje u marymutaramu  
Mairu jeje’jeje u marymutaramu  
Mairu jeje jeje u marymutaramu  
Mairu jeje’jeje u marymutaramu  
Mairu jeje jeje u marymutaramu  
Mairu jeje’jeje u marymutaramu  
Mairu jeje jeje u marymutaramu  
Mairu jeje’jeje u marymutaramu*

*Eumarymutaramu eumarymutaramu  
ene upe jeramui kau*



***Mairu jeje jeje u marymutaramu  
Mairu jeje' jeje u marymutaramu  
Mairu jeje'jeje u marymutaramu  
Mairu jeje'jeje u marymutaramu***

***Ene upe majauae kau***

***Mairu jeje'jeje u marymutaramu  
Mairu jeje'jeje u marymutaramu***

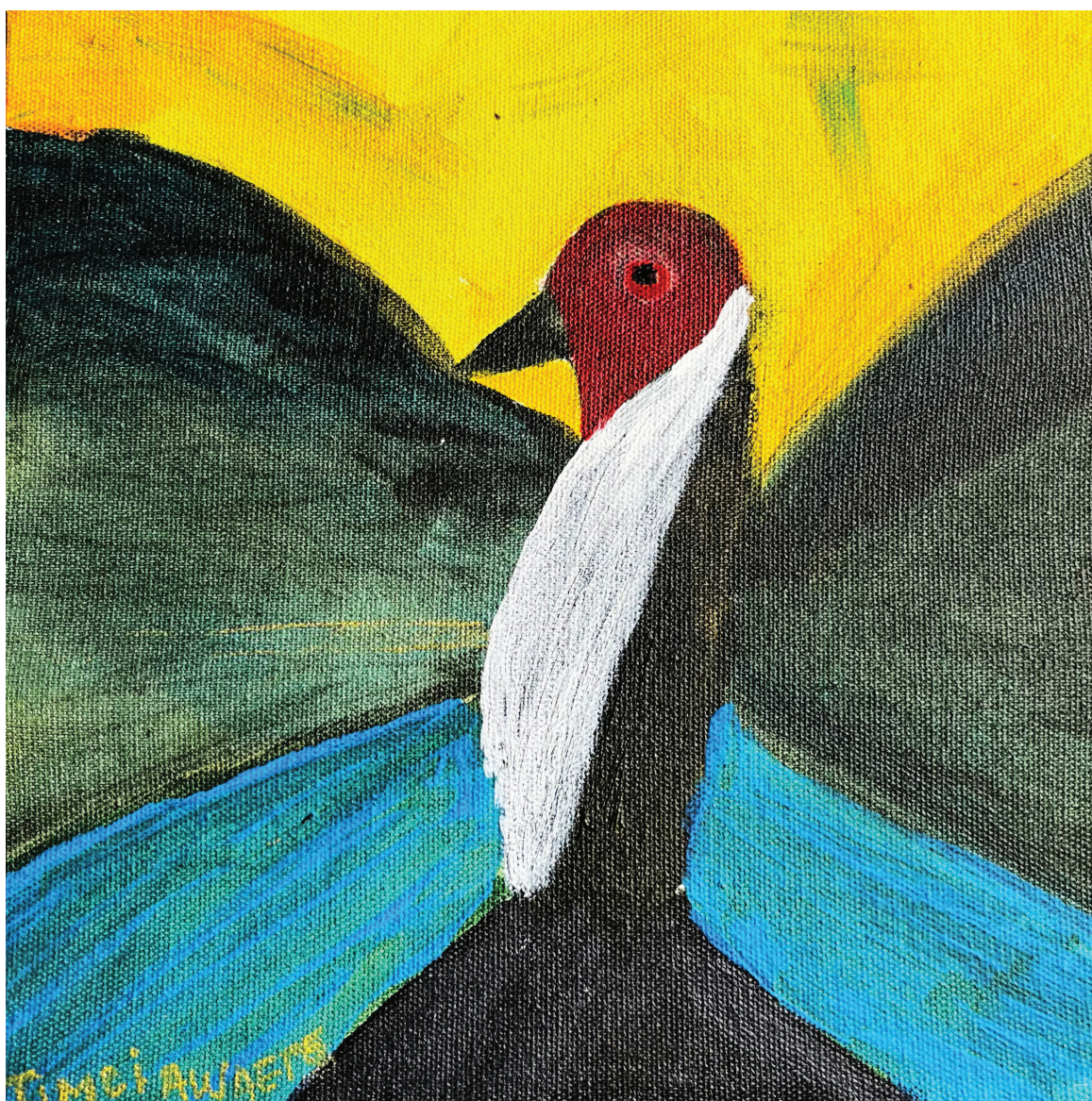
***Jauuuu”***



# YPERU

## (CANÇÃO DO TYWAGAWA/KAUYRAU)

### CANÇÃO DO PICA-PAU PEQUENINO



UYRA'I AKYMYTYGA. TIME'I AWAETE, 2023



Ypeku é aquele picapau pequeno e prarygn é o barulhinho que ele faz, que é um sinal. Por que o pica pau grande também faz isso? Na história, ele roubou a mulher do jabuti. Ele deu o sinal e o jabuti não estava conseguindo subir. Aí a mulher dele, a Arara Kanine, ficou com raiva e chamou o Pica-pau:

- Ah, sobe aqui, você que sabe subir. O jabuti disse:

- Ah, tá bom.

Então o pica-pau subiu e tirou a bacaba. Daí a Kanine falou para o jabuti:

- Vou botar a bacaba aqui dentro da cuia, tuas coisas estão aqui, e vou ver minha mãe com o Pica-pau.

Aí o Pica-pau levou a mulher dele e o jabuti passou dias chorando por causa dela. Depois, o Pica-pau trouxe a mulher dele de volta, outra vez. Durante os dias em que o jabuti passou chorando, o poder dele aumentou, mas a mulher não acreditava nele:

- Ah, tu não é pajã, nunca foi. Então, o pica-pau organizou um grande ritual, chamando todo mundo. Foram vários tipos de jabuti, vários tipos de pica-pau, vários tipos de todos os animais, e por último, buscaram esse jabuti. E todas as coisas dele faziam barulho: o banco, o instrumento turé, o cocar.

“Quá, quá, quá, quá....”

Então, o Pica-pau ficou com medo, pois ele viu que o poder do jabuti tinha realmente aumentado. E todos os animais que o Jabuti via no caminho, ele criava e cantava música sobre eles também. Quando o Jabuti chegou no terreiro da aldeia do pica-pau, a Arara Kanine falou:

- É tu Timakare que está indo?”

Ele respondeu: “- Sou eu.”



E ela respondeu:” - Ah, já me esqueci de ti”.

Ele se fez de besta: “- O que? Não ouvi.”

E ela começou a rir. Ao mesmo tempo, o Pica-pau se perguntou por que ela está fazendo isso. Então fizeram o ritual e, o tempo todo, o jabuti ficava chamando a Kanine para dançar. E o Pica-pau logo se preocupou:

- Não sei o que ele vai fazer com nós dois. Eu estou com medo do jabuti, pois ele virou pajã forte.

Terminou o ritual e o jabuti dormiu, sonhou e colocou armadilha pra ela. Ele resolveu visitá-la, e ela, ao vê-lo de longe no terreiro, fingiu que dormia e se fechou na rede. Daí o jabuti chegou e falou para o Pica-pau:

- Cadê nossa mulher? Cadê o cigarro?

- Tem um pedaço aí. Respondeu o Pica-pau.

- Cadê nossa mulher? Insistiu o Jabuti

- Ah, ela está dormindo. A Arara tem que ficar longe, pois ela gosta do silêncio.

- Então tá bom, estou saindo. Disse o jabuti. Ele foi saindo e não tinha nada, praticamente, no chão, mas ele tropeçou e quase caiu, mas seguiu seu caminho e foi embora. Nisso, ela levantou e começou a varrer:

- Onde foi que o Timakare quase caiu?

Daí, ela tropeçou no mesmo lugar. Ela se limpou e, quando ela voltou, começou a se coçar tipo alergia, e começou a inchar o rosto, a boca, a orelha, o pé, todo o corpo. Ela não conseguia enxergar mais nada.

- Ah, estou cansado. Ah, eu quero ir ao banheiro. Falou o jabuti



andando. Ele foi embora enquanto ela estava na aldeia. Então, o Pica-pau falou para a Kanine:

- Vai atrás dele porque eu não sou pajã, não conheço o espírito dele. Eu te avisei que ele ia fazer isso. Não fique comigo, senão você pode morrer. Ele te quer com ele, vai com ele.

Ela foi com a mãe gritando, chamando o nome de Timakare. Quando chegaram na última grotinha, elas o encontraram. E ele, fingindo não saber nada, perguntou:

- O que aconteceu, porque vocês vieram?

- É tu que tá maltratando a minha filha.

- Eu não sou pajã, o pajã é ele lá.

Falou o jabuti e continuou:

- Então, Kanine, vem.

E quando chegou bem no meio da ponte, ele pediu para ela parar de andar e bater o pé um pouquinho. Ela respondeu que não conseguia, mas ele insistiu e, ao bater o pé, uma parte das feridas do corpo dela sumiu. Ela bateu de novo e assim todas as feridas foram sumindo.

- Agora vai pra aldeia comigo. O Jabuti falou.

- E agora, tu aprende a subir. Falou a mãe da Arara.

Daí, o Jabuti levou a mulher dele de volta e convidou o Pica-pau, mas ele não quis ir não. O jabuti enviou espírito para se vingar do pica-pau e isso o ensinou parte do caminho do pajã, aprendendo a falar com outros espíritos. Por isso que, hoje, esses cantos dos pássaros estão todos conectados espiritualmente. Na espiritualidade, eles têm capacidade de muita coisa, de falar, de cantar, igual como nós.



# YPEKU

*“Ijei ije ypeku prarygn re’a  
Ijei ije ypeku prarygn re’a  
Ijei ije ypeku prarygn re’a  
Ijei ije ypeku prarygn re’a*

*Ypeku prarygn tarikumy prarygn re’a*

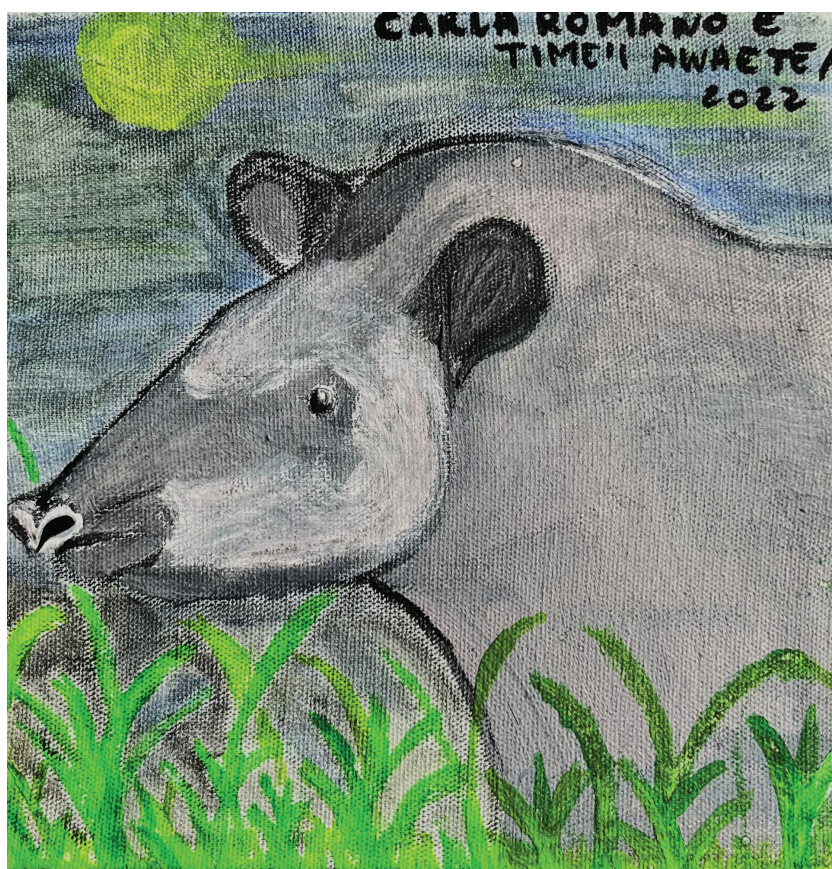
*Ijei ije ypeku prarygn re’a  
Ijei ije ypeku prarygn re’a  
Ijei ije ypeku prarygn re’a  
Ijei ije ypeku prarygn re’a*

*Jauuuuu”*



# TAPI'IRA PYAMU (CANÇÃO DO ARARAWERA)

CANÇÃO DA ANTA



TAPI'IRA. CARLA ROMANO E TIME'I AWAETE, 2023

Antigamente, esses animais eram, também, gente.

Hoje em dia, a gente vê uma onça e tem medo dela. Porém, antigamente, esses animais viviam igualmente a nós, o jabuti, a onça, a arara, como humanos. Dentro da música Ararawera tem a música da anta, que a gente chama Tapi'ira.



# TAPI'IRA PYAMU

**“Tapi’ira pyamu tapi’ira pyamu**

**Mu mu mu mu um**

**Tapi’ira pyamu tapi’ira pyamu**

**Mu mu mu mu um**

**Kiraka awa rika upyamu amu ramu**

**Tapi’ira pyamu tapi’ira pyamu**

**Mu mu mu mu um**

**Ukai renowa mewe ypyamu amu ramu**

**Tapi’ira pyamu tapi’ira pyamu**

**Mu mu mu mu um**

**Jauuuuu”**



# TURU'E RUPENI JE (CANÇÃO DO KAUARA)

## CANÇÃO DA CORUJA



URUKUREA. CARLA ROMANO E TIME'I AWAETE, 2023

Antigamente, esses animais eram, também, gente.

Hoje em dia, a gente vê uma onça e tem medo dela. Porém, antigamente, esses animais viviam igualmente a nós, o jabuti, a onça, a arara, como humanos.



# TURU'E RUPENI JE

*"Turu'e rupeni je  
Penije Penije  
Turu'e rupeni je  
Penije Penije  
Turu'e rupeni je  
Penije Penije*

*Turupewyryke ni kauari re'a  
Turupewyryke ni kauri re'a*

*Aerame naka jerayai yiuwa ayia turamu*

*Turu'e rupeni je  
Penije Penije  
Turu'e rupeni je  
Penije Penije*

*Aerame naka jereayai yiawa ayia tyramu*



***Turu'e rupeni je  
Penije Penije  
Turu'e RuPeni je  
Penije Penije***

***Turupewyryke ni kauari re'a  
Turupewyryke ni kauari re'a***

***Aerame naka jereayia yiwa ayia tyramu***

***Turu'e rupeni je  
Penije Penije  
Turu'e rupeni je  
Penije Penije***

***Tywagawa weai nu popularidade jupuremu  
Aerame naka jereayia yiwa ayia tyramu***

***Turu'e rupeni je  
Penije Penije  
Turu'e rupeni je  
Penije Penije***

***Aerame naka jereayia yiwa ayia tyramu***



***Turu'e rupeni je  
Penije Penije  
Turu'e Rubens je  
Penije Penije***

***Aerame naka jereayia yiawa ayia tyramu***

***Turu'e rupeni  
Penije Penije  
Turu'e rupeni  
Penije Penije  
Turu'e rupeni  
Penije Penije***

***JAUUUUU***



# TATU

## (CANÇÃO DO TYWAGAWA/KAUYRAU)

### CANÇÃO DO TATU

#### MOMENTO DE ENCONTRO COM OUTROS ANIMAIS

Nesse momento, os animais se juntaram e começaram a dançar se perguntando quem estava mais gordo. Quando a onça pegava o mais gordo sempre gritava mais alto. Quase nenhum escapava, por exemplo, o jabuti não corre, então a onça conseguia comer. Elas observavam os animais dançando até a hora que paravam de cantar, para atacar os mais gordos. O primeiro a correr era sempre o mais atacado. Epeik katuete, quer dizer “limpar bem o teu terreiro, onde tu vai passar, onde tu vai viver. Limpa bem o teu espaço, para tu celebrar nele e para viver o teu dia a dia também”. Na estrutura, essas palavrinhas sempre trazem a mensagem no fundo da música.



# TATU

*“Tatu tatu tatu tatu tatu*

*Mu mu mu mu*

*Tatu tatu tatu tatu tatu*

*Mu mu mu mu*

*Epeik katuete ejukuara nu tatu*

*Tatu tatu tatu tatu tatu*

*Mu mu mu mu mu*

*Eje paepa wuma ejukuara nu tatu*

*Tatu tatu tatu tatu tatu*

*Mu mu mu mu mu*

*Jauuuuuuuu”*



# SOBRE OS AUTORES

**TIME'I AWAETE** – Aprendiz de Pajê Tywaywa, produtor cultural, facilitador entre indígenas e demais povos das Águas, Terras e Florestas.

Filho de Matuja e Itakyri, irmão e neto de pajês, criado pela vó Japuka, é conhecedor da cultura tradicional, histórias e memórias locais, além de espécies importantes para a cosmologia e medicina tradicional Assurini. Alfabetizado na língua Awaete, Timei fala fluentemente seu idioma de Tronco Tupi e família linguística Tupi guarani. Artista, artesão e bioconstrutor, produz bancos, arcos e flechas, além de apoiar a construção das casas tradicionais. Em 2015, porém, decidiu sair da aldeia para acompanhar a cena político-cultural de Belém e do sudeste, em especial, o Rio de Janeiro, em busca de caminhos para entender o mundo do karai, estudar e desenvolver novas habilidades. Seu objetivo era retornar à sua comunidade com os conhecimentos e as parcerias necessárias para a emancipação de sua cultura e de seu povo, principalmente junto a mediações de conflitos socioambientais enfrentados no território, devido à realidade dos impactos de grandes empreendimentos, como a Transamazônica, no início do contato, e, mais recentemente, a usina hidrelétrica de Belo Monte. Nessa jornada, junto a sua companheira, Designer e produtora cultural Carla Romano, com o objetivo de regenerar as relações entre povos, participaram e promoveram troca de saberes com espaços e iniciativas como Gaia Education, Schumacher College, Pindorama, Tibá, PUC-RJ, UFF e Uana Eté. No final de 2018, Time'i se tornou pajê de cura. Voltando para o território do Médio Xingu, fundou junto a seu pai, a Aldeia Janeraka e, hoje, junto à rede Constelar Ancestral, luta para se fortalecer frente a traumas da colonização, a partir da autonomia, na documentação e



registro de suas memórias e do patrimônio cultural de seu povo, o acesso a direitos básicos. Para isso, tem se dedicado a conseguir a articulação e o engajamento cocriativo para continuar apoiando de forma segura seu povo, cultura e território, que sofrem diversas pressões de colonização.

**CARLA ROMANO AMARAL** - Carioca, mãe, designer, produtora cultural, facilitadora e articuladora, indigenista. Desde 2005 atua na elaboração de projetos colaborativos relacionados à educação ambiental e sustentabilidade. Com graduação em Design: Comunicação com ênfase em Marketing na ESPM, aprofundou-se em pesquisa, análise crítica e decolonização de cadeias produtivas de patrimônios culturais de povos ameríndios, trabalhando com diversas etnias como pesquisadora e produtora cultural autônoma. Por quase uma década, realizou projetos de cenografia das exposições, acervo e atividades pedagógicas em parceria com o Museu do Índio, do Rio de Janeiro, focando em pesquisas em educação patrimonial. Fundadora do Inajá Design Permacultural, tem dedicado sua vida a apoiar grupos no acesso de estrutura e conhecimentos necessários para a retomada de sua autonomia e protagonismo, além de articulação de parceiros, captação de recursos, criação de protocolos éticos e tradução de demandas em projetos cocriativos. Companheira de Time'i Assurini, nos últimos 7 anos, é cocriadora do projeto "Agenda Awaete" e da Rede Constelar Ancestral, é uma das fundadoras do Instituto Janeraka, no qual é produtora cultural e gestora de projetos, apoiando a abertura da aldeia Janeraka, localizada na região do médio Xingu - PA, apoiando a comunidade, mediando suas demandas com o mundo não indígena no que for preciso.



**LÍLIAM BARROS COHEN** – pianista, professora e pesquisadora da Universidade Federal do Pará, do Instituto de Ciências da Arte e do Programa de Pós-Graduação em Artes. Coordena o Grupo de Pesquisa Música e Identidade na Amazônia e o Laboratório de Etnomusicologia da UFPA, juntamente com a Profa. Dra. Sonia Chada.



# TABELA DE FIGURAS

**FIGURA 1** – UYRA MARAKA KAUYRAU'UPY. Carla Romano e Time'i Awaete, 2022

**FIGURA 2** – TIME'I KIRA. Time'i Awaete e Carla Romano. 2022

**FIGURA 3** – PINUWA. Time'i Awaete, 2022.

**FIGURA 4** – UYRA. Time'i Awaete, 2023.

**FIGURA 5** – URUWUTIGA. Carla Romano e Time'i Awaete, 2023

**FIGURA 6** – TAKUMU'U MYTU. Carla Romano e Time'i Awaete, 2023

**FIGURA 7** – YJARA. Time'i Awaete, 2023

**FIGURA 8** – UYRA-JUIWI. Time'i Awaete, 2021

**FIGURA 9** – JUMATAKA'E. Time'i Awaete, 2021

**FIGURA 10** – JERUTI. Time'i Awaete, 2021

**FIGURA 11** – JỸTYKY. Carla Romano e Time'i Awaete, 2023

**FIGURA 12** – TURYWA\_1. Time'i Awaete, 2023

**FIGURA 13** – ATARIKYGA OU TUWAPYUI. Time'i Awaete, 2023

**FIGURA 14** – TAYRA. Time'i Awaete, 2023

**FIGURA 15** – KUJỸ RUPIARA. Time'i Awaete, 2023

**FIGURA 16** – AWAETE. Time'i Awaete, 2023

**FIGURA 17** – KAUARA. Time'i Awaete, 2023

**FIGURA 18** – YAPEMA. Time'i Awaete, 2023

**FIGURA 19** – ARU. Carla Romano e Time'i Awaete, 2023



- FIGURA 20** – KAWA. Carla Romano e Time'i Awaete, 2023
- FIGURA 21** – TYWAGAWA. Time'i Awaete, 2022
- FIGURA 22** – MAJAY. Carla Romano e Time'i Awaete, 2023
- FIGURA 23** – PINUWA UYRAYGA. Time'i Awaete, 2023
- FIGURA 24** – TIU JUWA. Time'i Awaete, 2023
- FIGURA 25** – MYTU-JAUARA. Time'i Awaete, 2023
- FIGURA 26** – JAKYWYTA. Time'i Awaete, 2023
- FIGURA 27** – URUYWA. Time'i Awaete, 2023
- FIGURA 28** – MYTU-KAIRAWU. Carla Romano e Time'i Awaete, 2023
- FIGURA 29** – TURYWA. Time'i Awaete, 2023
- FIGURA 30** – PAJE MAPA'AWA JUETXAK. Time'i Awaete, 2023
- FIGURA 31** – UYRA'I AKYMYTYGA. Time'i Awaete, 2023
- FIGURA 32** – TAPI'IRA. Carla Romano e Time'i Awaete, 2023



